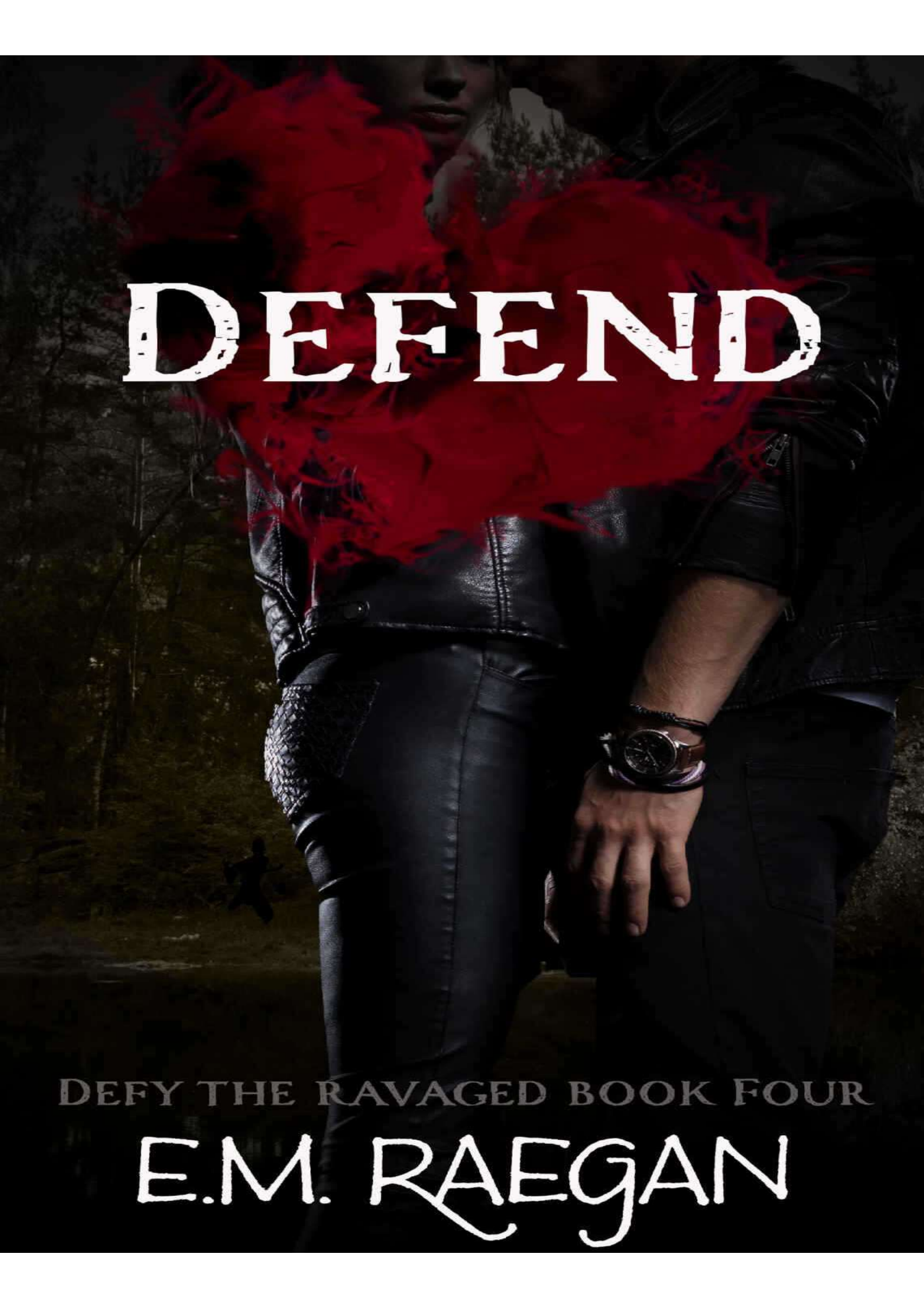




DEFEEND

DEFY THE RAVAGED BOOK FOUR

E.M. RAEGAN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Olá caro leitor...

Como vocês sabem, nosso trabalho é feito de forma gratuita, e por ser feito apenas pelo prazer a leitura, saibam que pode conter erros...



Pedimos que NÃO seja compartilhado, pois são de leitura individual, é estritamente PROIBIDO a divulgação nas redes sociais, como: Tik tok, Kwai, Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, Docero entre outros....

ÍNDICE

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Epílogo](#)

DEFEND

A história de amor e sobrevivência de Willow e Jay é concluída em Defend.

Meu nome é Willow e estou apaixonada por Jason.

Não sei onde ele está ou como encontrá-lo. Cada passo à frente parece que o estou deixando cem para trás. Eles me abandonaram, mas quanto mais eu viajo, mais começo a sentir que sou eu quem vai embora.

Estávamos procurando por segurança. Um lugar para descansar e proteger. Uma casa para defender. Agora estou apenas tentando acompanhar minuto a minuto. Dia a dia.

Quem sou eu sem eles? Por que continuar quando eles não estão ao meu lado?

Sobrevivência. Isso é tudo que resta agora.

Para sobreviver.

Seja um sobrevivente.

Meu nome é Jason e ela é tudo que importa.

Estou indo atrás dela e nada nem ninguém vai me impedir.

Para minha irmã, D, cujo amor por zumbis e romance pode superar o meu. E quem ouviu esse sonho maluco que tive há dois anos e me disse para escrever a história dele.

CAPÍTULO UM

Os meus pés doíam. Minhas coxas gritaram. Eu estava tonta e com tanta sede que não conseguia mais sentir minha língua. O suor escorria da minha linha do cabelo, turvando minha visão.

Mas eu simplesmente corri mais rápido.

Eu não conseguia parar.

A chuva havia parado. De repente e sem aviso. Eu daria qualquer coisa para tê-la de volta.

Por quilômetros, eles me perseguiram. Descendo a estrada e subindo as colinas. Pela cidade abandonada e depois pelas árvores. Seus dentes à mostra, hálito fermentado cheirando mal, mordiscando meus calcanhares. Seus dedos sangrentos e em decomposição me alcançando como lâminas irregulares. Eles estavam tão próximos que minhas lágrimas já haviam secado há muito tempo, a desidratação e a exaustão levando-as embora com o vento. Eu estava exausta. Estilhaçada.

Mas. Eu. Não. Poderia. Parar.

Se eu parasse, morreria. Eles estariam em cima de mim em segundos. Rasgando minha carne dos meus ossos.

No primeiro dia em que o vírus Ravaged tomou conta do nosso mundo, eles tinham energia. Tinham determinação. Agora, semanas e semanas mais tarde, os seus hospedeiros tinham finalmente abrandado, os seus corpos decaindo e enfraquecendo à medida que o vírus os corroíam. Alguns dos primeiros a serem infectados perambulavam no final do grupo, alguns metros atrás de mim. Mas ainda havia alguns que mantiveram sua força. Alguns deles estavam tão perto de mim que eu senti que nunca iria ultrapassá-los. Eles eram os mais novos deles – os recém-transformados.

Olly ofegou ao meu lado. Igualmente fraco e exausto. Ele poderia ter fugido deles. Ele foi muito mais rápido que eu. Mas o cachorro não saía do meu lado. E agora era tarde demais para ele. Ele estava começando a ficar para trás comigo, não por lealdade, mas porque simplesmente *não conseguia* ir mais rápido. Foi um milagre eu ter mantido contato com ele por tanto tempo.

Nunca fui uma corredora, e uma corrida completa de seis quilômetros era mais do que pensei que poderia suportar. Mas eu não tive outra escolha. Depois da nossa corrida na floresta antes, simplesmente não havia mais nada dentro de mim para tirar proveito.

Fizemos uma curva fechada na estrada, com mordedores parando ao nosso lado e tentando nos atacar. Olhei para a floresta, debatendo a possibilidade de desaparecer nela para retardar os mordedores. Mas eu sabia que isso também me atrasaria e estava com muito medo de interromper minha corrida a todo vapor para arriscar.

Meus olhos secos doíam. Eu podia sentir a morte me alcançando. A segundos de me reivindicar.

Não seria uma morte indolor. Dentes e garras afundariam em minha pele, drenando minha vida lenta e tão dolorosamente que pensei em me esfaquear com a faca de caça ao meu lado. Minha arma estava sem munição. Caso contrário, eu já teria sucumbido ao meu medo – de ser

comida viva. Prefiro tirar minha própria vida do que sentir a dor dos devastados, a fome dos monstros se aproximando de mim.

Eu me atrapalhei com isso agora, segurando a lâmina em minha mão. Seria muito mais fácil simplesmente afundar isso em meu coração e me salvar desse destino. Mas o rosto de Jay passou pela minha mente e eu vacilei. Depois a de Blue. Do Billy e da Dahlia. Minha mão tremia.

Eu hesitei.

E então uma mão agarrou minha camisa por trás, me desequilibrando e me virei para afastar o mordedor. No processo, perdi um pedaço da minha camisa e a lâmina. A decisão foi tirada de mim.

Meus olhos de alguma forma encontraram mais algumas pequenas lágrimas e as enviaram em cascata pelo meu rosto.

Era isso. Eu não veria Jay novamente. Eu não seria capaz de expressar os sentimentos que ele extraiu de dentro de mim. Eu nunca mais o veria sorrir para mim. Beijar-me novamente. Me amar de novo. Eu considerava cada momento que estávamos juntos como garantido. Esse pensamento, mais do que tudo, mais do que o medo de morrer, me quebrou.

Tive tantos arrependimentos e não tive tempo para consertá-los.

Eu estaria deixando Blue para trás. Dahlia e Billy atrás. Eles se culpariam pela minha morte. Eles provavelmente já estavam tentando entrar em contato comigo.

Eu não sabia por que todos eles tinham ido embora, mas sabia que não tinha sido escolha deles. Se eles se foram, foi porque não tiveram outra escolha. Se tivessem esperado por mim, estariam bem ao meu lado, enfrentando a morte comigo. Fiquei grata por eles não estarem. Feliz por não ter que vê-los morrer.

Posso não estar pronta para a morte. Posso não aceitar isso de bom grado. Mas estava vindo em minha direção e não havia nada que eu pudesse fazer para impedi-lo.

Olhei para Olly, tropeçando em sua corrida ao meu lado, e me despedi dele silenciosamente. Rezei para que, quando eu descesse, isso lhe desse algum tempo para fugir. Que eu me tornaria a refeição que o deixaria escapar.

Minha mente evocou uma imagem dele parando, correndo de volta para ouvir meus gritos de morte, e eu rapidamente afastei isso. Eu não conseguia lidar com a ideia de ele morrer enquanto tentava me salvar.

"Não seja estúpido", ofeguei para Olly. "Apenas corra."

Seus olhos azuis me rastream e ele soltou um gemido de dor. Ele sabia que a morte estava chegando com a mesma certeza que eu. Eu queria afundar meus dedos em seu pelo macio mais uma vez, mas isso seria o fim de nós dois.

A qualquer momento, eu tropeçaria numa pedra, na estrada esburacada, de terror, e tudo acabaria. Pela primeira vez, senti um pouco de alívio me inundar. Acabou-se o medo. Não há mais tristeza. Não há mais corrida. Eu teria alguns momentos agonizantes antes de morrer. Mas isso parecia adequado. Eu não iria simplesmente adormecer. Eu deixaria este mundo lutando – gritando.

Eu podia sentir seu hálito pútrido manchando minha nuca e suas mãos agarrando desesperadamente meu corpo enfraquecido. Fechei os olhos com força, evocando o rosto de Jay. O rosto de Blue. Na minha cabeça, eu estava com eles. Abraçando os dois. Contando a eles tudo que eu gostaria de nunca ter dito.

Eu estava me despedindo.

E então uma buzina soou, me afastando deles.

Meus olhos se arregalaram e parei em um ônibus a duzentos metros à minha frente.

Um rapaz estava pendurado na janela do lado do motorista com a gigantesca memória amarela da minha infância. Por baixo de um capuz preto, ele acenou freneticamente para mim com a mão enluvada. Gritando algo que não consegui entender.

Balancei a cabeça, incapaz de acreditar no que via. O ônibus era um farol em um futuro sombrio. O cara buzinou no meio da estrada.

"Corre!"

Fiquei boquiaberta para ele. Eu *estava* correndo. Eu estava correndo pra caramba.

"Mais rápido!" O motor acelerou e o ônibus lentamente começou a se afastar de mim pela estrada. O suor escorria dos meus olhos enquanto observava as portas traseiras de emergência do ônibus se abrirem. Outro homem – não, um menino – acenou para que eu me aproximasse da parte de trás do ônibus. Seu rosto magro ficou boquiaberto com a horda que me perseguia e ele acenou freneticamente. Enquanto o ônibus avançava, ele se ajoelhou e estendeu a mão para mim.

Olhei de sua mão para a estrada que nos separava. Havia cerca de dez metros entre nós, mas o ônibus estava se afastando de mim e a horda estava começando a convergir para o ônibus por todos os lados.

"Mova sua bunda!" o menino gritou.

Cerrei os dentes e empurrei as pernas cada vez mais rápido, a dor era insuportável. Olly recuperou forças e correu na minha frente, saltando para a traseira do ônibus em movimento. O menino teve que rolar para fora do caminho para ele, mas então ele estava de volta, com a mão estendida entre a distância de três metros entre nós. Por todos os lados, mordedores corriam em minha direção. Por pouco não perdi seus braços agitados e mandíbulas abertas.

Meus olhos estavam grudados naquele braço fino e na mão ossuda que se estendia para mim.

Os olhos em pânico do garoto saltaram de trás de mim para meu rosto, e eu vi seu medo. Eu senti até os dedos dos pés. Ele se virou para encarar o motorista. "Vá mais devagar, ou ela nunca conseguirá!"

Não ouvi o motorista gritar de volta, mas os freios pisaram brevemente e eu bati na traseira do ônibus. O garoto tropeçou de bunda e minhas mãos seguraram a porta com todo o desespero correndo em minhas veias. Segurei-me com força enquanto o ônibus ganhava velocidade, meus pés tropeçando e se arrastando atrás de mim.

Um som fraco e impotente saiu da minha boca quando me senti escorregando, e então a mandíbula de Olly apertou minha mão direita com força implacável. Eu gritei, mas não o afastei enquanto ele rosnava. Suas garras lutaram no chão do ônibus em busca de tração. O cachorro estúpido estava tentando me puxar para dentro.

O garoto praguejou e saltou para frente, agarrando meu braço esquerdo no momento em que meus joelhos caíram e bateram no chão. A estrada atravessou meu jeans, rasgando minha pele. O menino e eu nos agarramos e, com um grande grunhido dele, entrei na metade do ônibus, com o peito no chão.

Amaldiçoei severamente enquanto meus pés voavam atrás de mim para as mãos dos mortos. Chutando em pânico, eu choraminguei e me mexi ainda mais para dentro, atraindo os mordedores para mais perto da porta.

"Ela está?" o motorista gritou.

"Vá, vá!" o menino gritou de volta enquanto batia nos mordedores com um taco de golfe.

O ônibus acelerou e ganhou mais velocidade, mas minhas pernas foram arrastadas para fora do ônibus pelo peso das mãos em garras.

Minhas próprias mãos lutaram pelos assentos do ônibus, e eu segurei firme enquanto Olly rosnava selvagememente para os mordedores sendo arrastados pelas minhas pernas para trás do ônibus.

Fechei bem os olhos, sabendo que, a qualquer momento, sentiria a ardência de dentes afiados, e então tudo acabaria.

"Sacuda-os!" o menino gritou.

O motorista praguejou e o ônibus deu uma guinada violenta. Meu lado bateu contra as portas de emergência com tanta força que me deixou sem fôlego. Eu me puxei mais alguns centímetros para dentro, chutando as mãos ansiosamente. Olly segurou minha camisa pelas costas, tentando desesperadamente me puxar para dentro enquanto o garoto ficava nas minhas costas com uma bota pesada e batia nos mordedores que tentavam passar por cima de mim.

Uma mão se soltou e depois outra mão com garras afiadas caiu, e então minha perna esquerda ficou livre. Olhei por cima do ombro para ver a horda desaparecendo rapidamente ao longe e dois mordedores rolando e quicando no chão enquanto caíam do ônibus. Mas mais três mordedores ainda estavam pendurados na minha perna direita. A carne rasgada de suas pernas deixou um rastro de sangue na estrada atrás deles. Coloquei meu pé direito logo abaixo do queixo de um deles e bati três vezes. O mordedor caiu, levando consigo aquele que estava pendurado atrás dele.

Depois houve uma, e ela estava com as duas mãos na minha bota, os dentes estalando o ar ao redor dela, longe demais para me morder, mas faminta demais para me soltar. Suas pernas nuas estavam despedaçadas, a carne raspada em pedaços grotescos.

O menino bateu no braço dela com o porrete, mas ela nem o viu. Ela olhou para mim com tanta fome em seu olhar nublado que me causou um arrepio nas costas. Não havia mais nada lá. Apenas uma necessidade cegante de comer.

Eu morreria antes de me permitir me tornar isso.

Aproximei-me do assento do ônibus, com os nós dos dedos brancos apoiados na perna de metal aparafusada ao chão. Entrei no ônibus e tirei o peso do garoto das minhas costas, rolando e sentando. Abaixei-me então, minhas mãos alcançando os cadarços das botas. Seus dentes ensanguentados e em decomposição brilhavam enquanto seus olhos brilhavam de excitação. Uma de suas mãos saiu da minha bota enquanto ela segurava meu braço com a outra, e seu peso caiu, me levando com ela. O menino praguejou, deixou cair o taco, e abraçou minha cintura para me manter dentro do ônibus enquanto desamarrava freneticamente o nó da minha bota.

Observando sua mão balançando, fiquei maravilhada com sua determinação, mas fiquei pasma com sua estupidez. Ela não tinha nenhum respeito real por si mesma. Mas, novamente, ela já estava morta, não estava? Ela só queria comer. Eu não achava que os mortos sentissem qualquer dor, não importando a quantidade de sangue coagulado acumulado em seus ferimentos.

Meus cadarços estavam amarrados, mas meus dedos doloridos rasgaram-nos brutalmente, rasgando-os. Afrouxando as laterais, usei o pé esquerdo para tirar a bota direita do calcanhar. Seu braço balançante me alcançou mais uma vez, mas seu peso era grande demais para ela.

Quando minha bota escorregou, ela também escorregou, caindo e rolando, quicando violentamente na calçada.

Voltei para o ônibus, com Olly choramingando e se enterrando ao meu lado. O menino e eu caímos um ao lado do outro, ofegantes e boquiabertos em estado de choque.

Demorou vários longos segundos para a compreensão chegar.

Eu estava viva.

De alguma forma, quando eu tinha tanta certeza de que não conseguiria.

Eu tive.

Graças a eles.

Esses estranhos misteriosos.

Eu ri em descrença. Já sorrindo.

Até que ele desembainhou a faca que estava ao seu lado e, com a rapidez de um chicote, pressionou-a contra minha jugular.

CAPÍTULO DOIS

REN

Sim, comecei a me mexer.

Compartilhei um olhar tenso com Paulie.

A bala deixou um ferimento superficial em seu peito e ele perdeu sangue suficiente para deixá-lo fora de combate por um tempo.

Quando ele acordasse, ele iria procurá-la. Ele procuraria e quando não conseguisse encontrá-la, exigiria respostas.

Não tínhamos nada para lhe dar.

Tomei a decisão de deixá-la para trás. Em última análise, foi minha escolha. Paulie teria reclamado, mas deixaria um homem procurá-la se eu tivesse pressionado.

Mas eu não tinha. Escolhi meu melhor amigo, meu irmão, e tirei-o de lá. Qualquer um que ficasse teria sido massacrado.

Assim como ela.

Seus olhos escuros se abriram e eu me agachei ao lado dele.

Derrubando uma garrafa de água morna em sua boca, observei enquanto seus olhos vagavam pelo quarto escuro em busca dela.

Estávamos escondidos em uma igreja por enquanto e foi um show de merda chegar aqui. Todos nós amontoados no segundo andar. Estava na floresta o suficiente para que tivéssemos cobertura e a densidade da floresta ao nosso redor evitaria que um maior número de mortos convergissem para nós se nos ouvissem.

Só restava luz suficiente para seus olhos percorrerem a multidão de nossa família.

Luz suficiente para que ele a visse desaparecida da cabeceira de sua cama, onde ela sem dúvida estaria.

Seus olhos pararam em seu filho, Blue. Garoto bonito, mas eu não teria me atrelado a *nada de outra pessoa* hoje em dia. Meu clube antes de tudo e de qualquer pessoa.

Jay costumava sentir o mesmo.

Não tanto hoje em dia.

A acusação sombria me atingiu quando os olhos do meu irmão encontraram os meus. Uma pergunta neles, embora eu soubesse que ele suspeitava da resposta.

"Ela não está aqui," eu disse à única pessoa no mundo inteiro para quem eu nunca mentiria.

Ele gemeu enquanto se sentava, já pegando a arma ao seu lado. Ele usou meu ombro como alavanca enquanto se levantava.

"Onde ela está?" Ele latiu a pergunta, dura e implacável.

Suspirei e o encarei. "Tivemos que sair."

O rosto de Jay olhou ao redor da sala sem expressão. Seus olhos pararam novamente em seu filho, dormindo nas mãos de Rayna.

Billy estava com as mãos ocupadas ou estaria aqui furioso e gritando pela garota ao lado de Jay. Do jeito que estava, o homem não conseguia se concentrar em nada além do futuro sombrio à sua frente.

"Deixar?" Jay perguntou esfregando o rosto pálido em frustração.

Paulie nos observou do lado oposto da sala. Ele ficou ao lado do homem amarrado no canto. O único que restou vivo.

Inteligente. Não achei que Jay aceitaria muito bem a inserção de Paulie quando seu cérebro captou minhas palavras.

"Na floresta, cara," eu disse baixo e suavemente. Como conversar com uma pantera enjaulada. A qualquer momento Jay seria libertado. Olhei para Burman. Ele estava pronto para me ajudar a tirar Jay daqui se fosse necessário.

Jay enrijeceu, sua mão caindo do ferimento enfaixado. Ele piscou, seu rosto pálido corando.

Estava vindo para ele agora. O que tinha acontecido. Aquela maldita bagunça na estrada. A garota dele indo para a floresta. Ele mal estava consciente no final. Mas ele lembraria que não a tínhamos encontrado.

Ele fechou os olhos e sua mandíbula tremeu com força. Burman se aproximou. Então Syd. Ambos rastreando seus punhos cerrados.

"Você a deixou?" Jay pediu a palavra. Suas palavras foram baixas e firmes. Arrastado para fora dele com agressão afiada.

"Eu não tive escolha." Nós não. Eu.

Eu escolhi deixá-la. Ele não teria esperado que ninguém ficasse com ela em sua ausência, além de mim. Foi uma missão suicida e se ele não estivesse sangrando, eu teria tirado essa missão dele.

Mesmo agora, me arrependi de não ter seguido adiante.

Suspeito que isso me assombraria para sempre.

"Você. Deixou. Ela?"

Eu não desviei o olhar de sua raiva. Eu enfrentei isso de frente. "Eu fiz."

Jay explodiu.

Foram necessários Burman e Syd para tirá-lo de cima de mim.

Foram necessários mais cinco de nós para arrastá-lo do homem amarrado no quarto.

Jay precisava dele vivo se quisesse ir atrás dela.

CAPÍTULO TRÊS

"Você acabou de salvar minha vida," eu ofeguei, incrédula. Seus olhos estavam cautelosos. Jovem. Apenas alguns anos mais novo que eu. Jovem demais para ameaçar outro ser humano com uma faca. Mas, novamente, todos nós também estávamos. Olhei para a mão dele. "Agora você vai me ameaçar?"

O garoto franziu as sobrancelhas loiras em uma carranca. "Não fale." Ele olhou rapidamente para o motorista e acenou com a cabeça antes de se concentrar em Olly. Ele estava deitado nas minhas coxas, rosnando fracamente para o garoto. Ele estava exausto, mas ainda tentando me defender.

A faca permaneceu na minha garganta por dez minutos antes de o ônibus começar a desacelerar e parar no acostamento da estrada.

"Não temos muito tempo. A linha de árvores do leste está lotada rapidamente — gritou o motorista ríspidamente enquanto subia para a parte de trás do ônibus. Ele era alguns anos mais velho do que eu, com uma barba castanha clara no rosto e uma frieza dura nos olhos quando encontraram os meus. "Levante-a."

Ambos me agarraram por um braço e me colocaram de pé. Eu sabia que deveria ter ficado com mais medo, preocupada com o que eles queriam de mim. Mas eu não conseguia reunir nenhuma emoção. Eu estava muito desgastada para baixo, também sobre tudo sobre este dia inteiro. Eu estava fisicamente e emocionalmente esgotada depois de tudo hoje.

Eu queria voltar para esta manhã. De volta àquela caçamba da caminhonete com poças de água da chuva. Eu teria feito Jay ficar dentro de casa comigo um pouco mais. Eu teria feito ele me beijar. Eu teria dito a ele o quão incrível ele me fez sentir.

Então eu teria impedido Paulie de fazer o que ele começou naquele dia. Paulie havia perdido a cabeça. Atirando nessas pessoas sem um momento de hesitação. Massacrando-os e colocando todo o grupo em perigo. E para quê?

Pelo que eu sabia, eles nem tinham fugido.

Balancei a cabeça de dor. Billy, Dahlia, Blue e Liam ainda poderiam estar naquela floresta, procurando por mim. Jay poderia ter ficado para trás para me procurar. Eu não tinha provas de que todos realmente tinham ido embora. Nenhuma prova de que eles conseguiram escapar. Eu havia vagado por aquela floresta por tanto tempo sem ver nenhum sinal de vida. Eu não pude ficar. Os mortos estavam por toda parte. Eu não tive escolha a não ser correr de volta para a estrada. Todos os veículos desapareceram. Ninguém ficou para trás.

Nem uma motocicleta. Nem uma única pista de onde eles tinham ido. Não que eu tivesse tido tempo de procurar por uma. Mas eu não poderia colocar muita energia pensando nisso agora.

Porque se o fizesse, teria que me fazer perguntas difíceis. As perguntas paralisantes.

Para onde eles foram?

Como eu os encontraria?

Eles estavam vivos?

ENTÃO, deixei os dois homens me arrastarem para fora do ônibus, com Olly me seguindo cautelosamente.

Eles olharam para a estrada e eu fiz o mesmo. Tínhamos escapado da horda. Esperançosamente, deixando-os quilômetros para trás. Mas eles nos pegariam. Era só uma questão de tempo .

Eles me arrastaram para a estrada e amarraram minhas mãos atrás das costas com um cinto de couro.

Suspirei e olhei para eles fracamente. Eu não tinha como me proteger dessa maneira. E dada a constituição leve de ambos, eu não tinha muita esperança de que eles fossem capazes de lutar contra qualquer coisa – muito menos me proteger.

Eles me arrastaram para a floresta pelos braços. Estudei os dois em silêncio, notando suas semelhanças e a relação óbvia. Provavelmente irmãos. Ambos loiros. Quanto mais velho, um tom mais escuro. Alto e magro. Ambos desarmados. Sem armas.

O taco de golfe do mais novo seria útil contra uma ou duas mordidas, mas ele precisaria de algo mais eficaz para a horda em nosso encalço. Mas o homem mais velho não carregava nada além da faca do mais novo. Eles usavam roupas escuras e algumas peças de traje de caçador que não combinavam. Seus coldres estavam vazios e eles não carregavam mochilas. Eles estavam altamente despreparados para uma caminhada pela floresta. Mas seus passos seguros garantiram que eles estavam familiarizados com a área. Eles sabiam onde pisar para ficarem quietos, para qual árvore derrubada deveriam se virar.

Eles sabiam exatamente para onde estávamos indo, e isso me preocupava mais do que se estivessem apenas procurando aleatoriamente um lugar para se esconder e esperar a horda passar. Não que isso fosse viável. Mas a ideia de que eles estavam me levando para algum lugar específico, algum lugar que possivelmente tivesse mais homens como eles, mais perigo para mim, me fez abrir a boca. "Para onde você está me levando?"

Eles trocaram um olhar rápido, mas não responderam.

Suspirei pesadamente. "Eu sou Willow." Eu fiz uma careta com um sorriso. "Esse é o Olly."

Ambos olharam para Olly com cautela.

Olhei entre eles incisivamente. "Você não tem nenhum nome?"

O mais novo tossiu. "Reece."

O mais velho lançou um olhar para Reece, mas balançou a cabeça e suspirou. "Lance."

Eu cantarolei. "Prazer em conhecê-los."

Reece riu sombriamente. "Parece que você está falando sério. "

Eu fiz uma careta novamente. "Eu faço. Você salvou nossas vidas." Olhei para sua mão em meu braço. "Antes do sequestro, de qualquer maneira."

"Não estivessem-"

Lance o interrompeu. "Nenhuma palavra."

Reece corou e desviou o olhar.

Chegamos a outra árvore caída e os dois homens me ajudaram a subir no tronco. Notei a pressão suave que ambos colocaram em meus braços e a maneira como me permitiram recuperar o equilíbrio antes de me guiarem ainda mais para a floresta.

Eu fui sequestrada e traumatizada por alguns idiotas nas últimas semanas. Eu sabia como era a malícia. Qual foi a sensação. E esses dois simplesmente não acertaram o alvo. Olhei para

Lance sob meus cílios, sabendo que se eu quisesse me preparar para onde eles estavam me levando, eu teria que conquistá-lo. O mais velho dos dois.

"Sabe, não sou uma vítima muito boa", comecei calmamente, observando a confusão lentamente tomar conta de seu rosto. "Se você tentar enfiar seu pau em qualquer lugar perto de mim, e Olly vai arrancá-lo com uma mordida." Reece engasgou e tropeçou em um galho solto. Lance me segurou, seu rosto branco. "Você vai atrás do Olly e *eu* arranco seus paus com uma mordida."

"Cristo," Lance sibilou. "Não vamos *estuprar* você."

Levantei as sobancelhas e mexi os dedos amarrados atrás de mim. "Poderia ter me enganado."

Ele os puxou. "Isso é para nossa proteção."

Fiquei boquiaberta para ele. "Besteira."

"Acredite no que quiser", ele falou lentamente. "Eu não vou deixar você nos atacar como seus amigos fizeram."

Eu estreitei meus olhos nele. "Meus amigos?"

Reece estremeceu. "Caras grandes na Harley?"

Corei e apertei meus lábios com força.

"Aposto que eles sabem que você está desaparecida," Lance continuou, me arrastando de volta para uma caminhada. "Aposto que eles estão se virando agora para pegar o pedaço de bunda que deixaram para trás."

Cerrei os punhos. Ah, como eu queria isso. Eu queria que Jay estivesse bem atrás de nós, a segundos de me agarrar desses caras. Mas eu sabia que ele não estava. Eles foram embora por causa da horda. Eles devem ter pensado que eu estava morta. Talvez Monty não tivesse sobrevivido. Talvez depois de encontrarem o corpo dele, tenham ido me procurar e presumido o pior.

Não importava agora. Eles se foram e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

"Você tem muito a responder, e o cinturão permanece até que você o faça."

Desviei o olhar dele. "Responder para quê?"

"A dúzia de homens que seus motociclistas massacraram lá atrás." Lance se aproximou, seu hálito viciado atingindo minha bochecha. "Nossos homens."

Engoli em seco. Eu já suspeitava disso. Eles me pegaram perto do local do tiroteio – perto demais. Mas eu não tinha certeza. Eles estavam vestidos como os homens armados que vimos atrás daquela barricada hoje cedo. Embora eu não tivesse tido a oportunidade de estudá-los muito antes de Paulie e os outros abrirem fogo contra todo o grupo.

"Quantos de vocês sobraram?" Eu perguntei cautelosamente. Exatamente que tipo de grupo eu seria detida pelo assassinato de seus homens?

Lance fez uma careta. "Bastante."

A NOITE CAIU. Continuamos andando pela floresta. Lance e Reece não perderam um único passo. Eles conheciam essas florestas intimamente. Duas vezes encontramos mordedores. Os dois primeiros foram facilmente derrubados pelos irmãos. Na segunda vez, houve cinco mordedores, mas nós os encontramos silenciosamente. Lance me fez agachar atrás de uma árvore, dando a Olly uma ordem alemã afiada – que ele surpreendentemente ouviu – para ficar.

Então os dois me surpreenderam. Eles derrubaram todos os cinco mordedores em instantes. Silenciosamente, lentamente. Então nos levantamos e seguimos o luar.

Chegamos à beira de um rio largo. Observei, impressionada, quando eles descobriram um barco a remo habilmente camuflado. Sentei-me lá dentro com Olly enquanto eles o empurravam do barranco antes de pularem para dentro.

Eles remaram alguns metros até pegarmos a corrente, e então balançaram o barco enquanto procuravam embaixo dos assentos, tirando duas mochilas .

"Água?" Reece perguntou rispidamente.

Balancei a cabeça agradecida, engolindo a água morna da garrafa. Ele corou enquanto escorria pela minha mandíbula e no meu peito.

"Comida?" Eu perguntei, esperançosamente.

Ele balançou sua cabeça.

"Não até chegarmos ao ancoradouro", Lance respondeu rispidamente.

"A ancoragem?" Perguntei. Para onde, exatamente, estávamos indo?

Não havia nenhuma maneira de encontrar o caminho de volta agora. Assim que o sol se pôs, eu sabia que nunca conseguiria refazer nosso caminho. Mas agora, enquanto descíamos o rio, eu não tinha a menor chance. Só a ideia de remar contra a corrente já machucava meus músculos já doloridos.

Eu estava presa, perdida e sozinha. Neste momento, eu estava à mercê deles.

Olhei para minhas botas quando eles não responderam. Eu deveria ter mais medo. O Willow de duas semanas atrás teria tido. O Willow de *ontem* teria tido. Mas hoje? Quase um lampejo.

Deve ser assim que é perder a esperança. Desistir. Para *realmente* sentir desespero.

Uma mão me assustou e olhei para cima com os olhos embaçados. Reece tinha um sorriso estranho no rosto. Hesitante, cheio de pena. "Não é muito longe."

Balancei a cabeça e limpei o rosto no ombro, ignorando os olhos do irmão mais velho perfurando o meu rosto. "Você era próximo deles?"

Ambos me olharam confusos.

"Os homens que você perdeu?"

Lance deu uma risada seca. "Eles eram nossos amigos."

"Todos eles?" Eu empurrei.

Ele fez uma careta. "Sim, *todos eles* ."

Assenti, meu rosto cedendo à surpresa. "E as pessoas para quem você está me levando?"

Reece assentiu lentamente. "Eles são nossa família."

"Você tem uma grande família?" Eu perguntei com cautela.

"O que você quer chegar?" Lance perguntou rispidamente .

Eu fiz uma careta. "Só estou tentando me preparar. Qual a importância deles para o seu grupo? Quantos deles vão querer meu sangue como pagamento?"

Reece empalideceu. "Não vamos machucar você."

Eu zombei e olhei para a água, notando um leve brilho de luz através das árvores.

"Cada membro do nosso grupo é uma família. Cada membro é importante." Lance se agachou na minha frente, balançando o barco. "Você quer saber quem você assassinou lá atrás?" Sua voz caiu baixa. Contundente. "Pais, mães, irmãos, filhos, irmãs. Você matou *pessoas*. Pessoas amadas e estimadas . "

Eu segurei seu olhar. Mas foi difícil. Havia um mundo de dor ali. E nós causamos isso. Apenas quem nós matamos? Eles atiraram primeiro. Mas eles não mataram primeiro. Não, fomos nós.

Eles mal tiveram a chance de disparar um tiro de advertência quando Paulie abriu fogo.

Eu não os conheci. Falei com eles. Conhecidos seus nomes. Mas olhando nos olhos de Lance, eu sabia que eles não eram nada parecidos com Sam. *Nada* como Fin. Eles eram os Rowans do mundo. Os Billys. As Dáhlis. Os Montys.

Pessoas boas.

E nós os matamos.

"Se vale de alguma coisa", eu disse em voz rouca, "sinto muito."

Lance zombou, procurando meus olhos. "Engraçado, quase acredito em você."

CAPÍTULO QUATRO

O resto da viagem ficou em silêncio.

Reece me ofereceu mais água, mas eu não aguentei. Eu apenas observei o barco serpentear e fazer curvas nas curvas do rio. À medida que a luz fraca ao longe ficava mais brilhante, meu humor ficava mais sombrio.

Era uma luz brilhante. Fazia poucos quilômetros, mas agora era um farol resplandecente.

Lance não estava exagerando. Um grupo com esse tipo de luz? Ainda está vivo há tanto tempo? Eles tinham que ser grandes – maiores do que havíamos encontrado até agora.

Enquanto navegávamos pela última curva de árvores, tentei me fortalecer, preparando-me silenciosamente para qualquer vingança que viesse em minha direção: a dor, a tristeza, a ira.

Mas minha mente esvaziou-se completamente quando meus olhos encontraram a ancoragem pela primeira vez.

Nada poderia ter me preparado.

Se eles *tivessem* me contado, eu não teria acreditado neles. Mas a prova estava bem diante dos meus olhos agora.

Saímos do rio e caímos em um lago *enorme*. Foram milhas e milhas de diâmetro. A luz do assentamento brilhava no centro do lago, flutuando e balançando, quebrando-se e fluindo novamente.

A luz vinha dos barcos. Dezenas e dezenas e dezenas de barcos. Grandes veleiros, barcos de pesca e pequenos barcos a remo, todos com barracas no topo. E entre todos eles havia largas plataformas de madeira. Cordas pendiam na água entre eles, luzes cintilantes penduradas em postes, amarrando-os todos juntos.

Era uma cidade flutuante.

De onde todos eles vieram?

Várias luzes brilhantes acenderam e apagaram em um padrão. Reece já tinha uma lanterna escura na mão e, quando as luzes pararam de piscar, ele a apontou para a cidade e acendeu e desligou em algum tipo de padrão semelhante.

Suspirei em descrença enquanto eles remavam mais perto. Tendas foram erguidas nas plataformas e caixotes flutuavam na água, centenas deles amarrados ao redor dos barcos.

“Sim,” Reece murmurou baixinho para mim.

Balancei a cabeça distraidamente. Espantada.

Eu não sabia se os devastados sabiam nadar. Mas eu duvidava que eles iriam longe se tentassem. E poder vê-los vindo de tão longe foi um conceito tão incrível que fiquei imediatamente impressionada.

Esse. Era isso que Paulie estava procurando.

Em algum lugar *assim*.

E matamos seus amigos e familiares.

Dezenas de homens e mulheres armados esperavam na proa dos barcos enquanto nos aproximávamos. Vários deles jogaram uma corda pesada para Lance e nos puxaram para dentro.

Onde exatamente estávamos? Eu havia perdido a conta dos dias de viagem e de quão longe estávamos ao norte ou ao sul. Mas estava mais quente aqui. Se não for um pouco chuvoso. Mais frio à noite também.

"Onde estamos?" — perguntei baixinho enquanto dezenas de olhos nos grandes nos conveses dos barcos acompanhavam nossa chegada.

"Oklahoma. Lago Texoma. "

Eu balancei minha cabeça. Distante.

Tínhamos viajado para muito longe de casa.

Vários homens mais velhos ajudaram Lance e Reece a sair do barco enquanto mais mãos se aproximavam de mim e me puxavam para cima da plataforma flutuante instável.

Enquanto eles me conduziam até a luz de uma lanterna bruxuleante, vários suspiros de choque chegaram aos meus ouvidos.

"Por que vocês têm uma jovem amarrada em seu barco, rapazes?" um homem de cabelos grisalhos perguntou indignado, já alcançando as cordas em volta dos meus pulsos.

Lance sibilou um áspero "Não" e afastou as mãos das minhas. "É para nossa proteção."

"Explique-se, Lance Martin", uma mulher fungou com raiva.

"Preciso falar com Varidy e Jack", disse ele em voz baixa. "Imediatamente."

"Onde estão os outros?"

"Onde está Neal?"

"Ida?"

Reece olhou para mim com tristeza e Lance ficou rígido. "Onde estão Varidy e Jack?"

Mais vozes fizeram perguntas em coro, e a larga jangada foi lentamente se enchendo de pessoas dos barcos vizinhos, todos amarrados próximos uns dos outros. Eles caminharam pela cidade flutuante como se estivessem em terra firme quando eu mal conseguia manter os pés sob o corpo.

"Tudo bem!" uma voz profunda ecoou acima do barulho. "Deixe os meninos passarem!"

Lance saiu, os ombros caindo com um suspiro profundo. Ele agarrou meu braço e me apressou em meio à multidão e pelas bordas dos barcos, andando direto para o convés de alguns e para a proa de outros, até mesmo pulando em uma borda para pular em um pequeno barco a remo para alcançar outro.

Reece nos seguiu, gentilmente pegando minha cintura enquanto eu tropeçava no rápido movimento dos pés de Lance. Eu podia ouvir as pessoas cumprimentando Olly com entusiasmo atrás de mim e arrisquei olhar para ele muitas vezes, fazendo com que eu caísse de cara na lateral de um veleiro.

Reece amaldiçoou e deu um tapa nas mãos de Lance para me ajudar gentilmente a levantar. "Olly?"

Reece balançou a cabeça. "Ele está bem atrás de nós", ele me assegurou. "Ninguém aqui vai machucá-lo."

Balancei a cabeça e deixei que ele me afastasse das pessoas curiosas que nos seguiam e me guiou por alguns outros barcos até chegarmos a uma escada que levava ao convés de um grande barco de cruzeiro. Embora não fosse tão grande quanto os navios de cruzeiro dos catálogos da

Disney que Rick costumava consultar no verão, ainda era grande o suficiente para abrigar pelo menos dez a quinze pessoas.

Eu não era boa em barcos – na água em geral. Portanto, embora eu pudesse admirar a engenhosidade e a astúcia do que eles criaram aqui, ainda me sentia muito desconfortável ao pular de barco em barco quando um passo errado poderia me levar a águas muito frias.

Fiquei aliviada ao chegar ao convés do barco de cruzeiro.

Mas durou apenas um momento antes de eu olhar para o homem que esperava ao lado de Lance.

Ele me lembrava muito de Paulie. Peito largo. Barba espessa. Rosto desgastado que sugeria a carranca que ele usava regularmente. Onde Paulie gostava de jeans e corte de couro, este homem preenchia camuflagem e lona. Foram os olhos, porém, que realmente me assustaram.

Ambos tinham os mesmos olhos. O julgamento e a advertência estavam tão arraigados neles que você imediatamente desviava o olhar por respeito.

Se esse homem fosse parecido com Paulie – como eu suspeitava – eu não sairia viva deste barco quando ele descobrisse o que havia acontecido com seu povo.

SENTEI-ME em um sofá dentro da sala de estar. Era macio e quente. Eu queria me enrolar e fechar os olhos. Desvie o olhar da dor e da raiva que me queimaram no assento.

Mas eu não os desrespeitaria dessa forma. Minhas mãos estavam desamarradas. Varidy, o homem tão parecido com Paulie – finalmente senti um medo real do momento em que Lance e Reece o contaram sobre o que havia acontecido – ordenaram que outro homem mais velho, Jack, me desamarrasse.

Jack estava mais magro. Mais magro. Quase quarenta anos e barbeado. Ele tinha olhos gentis enquanto inspecionava meus vários ferimentos. Mas quando ele viu a mordida na minha mão direita, aquela gentileza fugiu tão rápido que me deixou girando.

Foi preciso que Reece gritasse e batesse em suas costas para tirar Varidy e Jack de cima de mim enquanto eles me seguravam com uma arma apontada para minha cabeça.

Olly havia deixado a mordida, ele disse a eles. Tentando me salvar.

Lance teve que puxar o cachorro para dentro do barco e comparar as marcas de mordidas antes que eles acreditassem nele. Tentei desesperadamente dizer-lhes que já teria me virado se a mordida tivesse sido de um dos devastados, mas nem fui ouvida por causa da comoção.

Agora Varidy e uma multidão de outros me observavam com uma mistura de fúria e pena enquanto Varidy contava a cada um deles o que aconteceu esta manhã naquela estrada.

Uma multidão de espectadores observava do convés do barco e além, a água lá fora estranhamente calma.

"Por que?" uma mulher, Shannon, engasgou. Ela era pelo menos uma década mais velha do que eu, mas seu lindo rosto estava tão contorcido pela dor e pela tristeza que ela parecia dez anos mais nova.

Balancei minha cabeça novamente. "Você não entende."

"Explique para nós," Varidy latiu.

"Olhe onde você está." Acenei pela cidade com barcos. "Você está a quilômetros de distância do que está acontecendo lá fora. Você nunca entenderia, se escondendo aqui."

"Nós não começamos aqui," Reece disse calmamente do meu lado. "Começamos por aí."

"Quanto tempo?" Eu perguntei cansada. "Quanto tempo até chegar às suas casas?"

"Veio primeiro do oeste. Depois o norte — disse outro homem rispidamente.

"Oeste?" Eu perguntei em descrença. Era verdade então. Estava em todo lugar.

Eles assentiram .

Eu balancei minha cabeça. "Viemos do leste. Chegou lá há mais de um mês." Foi há um mês? Deus, eu nem sabia quanto tempo agora.

"Duas semanas," Reece disse calmamente. "Evacuámos há duas semanas."

"Não conseguimos *evacuar* ", cuspo de ciúme. " Não *houve* nenhum aviso. Certa manhã, acordei e encontrei meus pais comendo uns aos outros no quarto."

Várias pessoas amaldiçoaram. Alguns reprimiram a emoção.

Observei Varidy – o único homem a quem eu suspeitava que precisaria defender meu caso. O único homem que decidiria o que seria de mim. "Nós mal conseguimos sair." Olhei para meus dedos doloridos. "Mas nem todos nós fizemos isso." Não minha mãe. Não Rick. Não a mãe de Jay ou a mãe de Gia e Rayna. Alguns membros do clube nunca chegaram à sede do clube, e aqueles que deveriam se encontrar na casa de Paulie nunca chegaram lá. Muitos foram deixados para trás. Deixado para morrer. "Nem todos nós conseguimos, mesmo depois de partirmos." Eu não sabia se *algum* deles havia sobrado agora.

"Para sobreviver. Isto." Desviei o olhar de seus rostos boquiabertos, evitando o julgamento ali. "Você tem que fazer coisas. Coisas terríveis. Os mordedores nem sempre são o pior mal que existe."

"Vá em frente, querida", uma mulher mais velha insistiu. Eu não suportava olhar para o rosto dela.

"Há tanta morte. Tanto medo e dor. Você pensaria que os mordedores teriam sido suficientes. Eles deveriam ter nos unido. Mas eles não o fizeram. Eles nos separaram." Mordi minha bochecha com força. "Homens me sequestraram", olhei para Lance, "repetidamente. Eles tentaram me estuprar. Me matar." Eu balancei minha cabeça. "Meu grupo nunca recorreu ao pior, a menos que fosse necessário." Apertei meus olhos com força. "Não no início."

Lentamente, como numa experiência fora do corpo, contei minha história. O conto dos Matron's Watchmen. Blue. Do Liam. Sugando minha emoção e dor, contei tudo a eles.

Alguns deles não pareciam surpresos. Foram essas pessoas que eu me apeguei. Eles entenderam. De uma forma ou de outra, eles experimentaram o que eu experimentei. Mas havia outros, Jack e mais dois ou três, que ficaram boquiabertos e pasmos. Eles saíram mais rápido. Talvez muito rápido.

A sua negação e a sua ignorância fizeram deles os perigosos. Quando você não precisava matar um homem para salvar sua própria vida, você nunca poderia entender a necessidade de outros fazerem o mesmo.

"Mas nosso povo não atacou você," Jack disse baixo. Embora ele não parecesse tão zangado como antes, seus olhos ainda me olhavam com desconfiança. Eu não o culpei.

"Não," eu engasguei. "E eu juro. Eu juro, eu não queria que isso acontecesse. Mas tínhamos uma horda de mordedores em nosso encalço e um psicopata os guiava para mais perto. Depois que o último grupo nos parou com uma barricada igual à sua", balancei a cabeça rapidamente, freneticamente. "Depois que perdemos Reed e eles atiraram em Lacey... não sei o que aconteceu. Foi tudo muito rápido. Paulie não arriscaria nenhum de nós novamente. Ele apenas *reagiu* ."

"E nosso povo pagou o preço da culpa de outra pessoa."
Balancei a cabeça miseravelmente.

CAPÍTULO CINCO

JAY

Ela se foi — Paulie disse lenta e sombriamente.

Cada centímetro de mim se rebelou com suas palavras.

Eu mal parei para ter certeza de que Blue estava seguro com Liam antes de segui-la. Deixei Ren machucado e sangrando no chão. Syd e Burman insistiram em vir. Paulie nos perseguiu para nos trazer de volta. Mas eu não iria a lugar nenhum sem ela. Se eu não fosse sobrinho dele, ele já teria me deixado.

Estávamos procurando há muito tempo.

Não conseguimos nem chegar perto de onde a deixamos.

Estava cercado pela horda.

Puxei o homem atrás de mim enquanto abandonávamos as motocicletas na estrada.

Stewart. Homem morto. Não importava qual era o nome dele. Ele fazia parte do grupo que atirou em mim. Isso me perdeu, Low. E ele iria trazê-la de volta para mim.

"Para onde ela iria?" Eu perguntei entre dentes enquanto ele empalidecia e tremia de terror.

Burman bufou. "Talvez você não queira que ele mije nas calças quando você perguntar."

Eu o ignorei e olhei para Stewart.

"Uh, eu realmente não sei," ele gaguejou com medo. "Eu nem sei quem você está procurando!"

"Onde vocês estão escondidos?" Paulie mordeu. Não para mim. Não para baixo. Por suas próprias razões doentias.

Stewart engoliu em seco e tremeu. "Eu não posso te dizer isso."

Eu o puxei para mais perto de mim pela corda em volta de seus pulsos e com certeza cheirei a urina. "Você vai me dizer," eu rosnei.

"N-não."

Syd sorriu abertamente. "Acho que é hora de pararmos de perguntar."

Olhei para a cabana onde paramos durante a noite. Depois para Burman.

Ele estalou os nós dos dedos enquanto seu rosto se abaixava. "Vou tirar isso dele."

CAPÍTULO SEIS

“Como você está?” Reece perguntou baixinho na manhã seguinte enquanto se sentava ao meu lado.

Dei de ombros, brincando com a vara de pescar ao meu lado. Lance me deixou aqui com instruções estritas para me vigiar de perto. Sem mais nada para fazer além de chafurdar na minha autopiedade e dor, eu não tinha desviado os olhos disso.

“Sinto cheiro de café da manhã”, disse ele com um sorriso trêmulo. “Eles deveriam estar prontos para realizar essa votação em breve.”

O voto.

A votação que decidiria meu destino.

Havia dois lados.

Permita que a pobre menina abandonada fique e viva o que restou de seus dias em nossa cidade flutuante. Observando a vida se esvaír dela. Afinal, ela era apenas uma garota, não um motociclista horrível e assassina.

Ou descarte o último membro restante do referido grupo de motociclistas assassinos. Jogue-a do nosso refúgio e observe-a nadar até a costa para que os mordedores possam se divertir com ela.

Sinceramente, eu não sabia qual destino eu preferia neste momento.

Se eu ficasse, seria um pária. Reece e Lance foram os únicos aqueles que conversaram comigo desde ontem à noite. Lance porque ele foi encarregado de me proteger. Reece, presumi, porque eu era um pedaço novo de bunda um pouco velha para ele, que ele ainda não sabia que já havia sido tomado por um homem com o dobro do seu tamanho e dez vezes mais cruel. Fui reivindicada de coração, corpo e alma. Não tive coragem de contar a ele.

Puramente por razões egoístas. Ele foi o único a me oferecer comida desde que o grupo se desfez na noite passada para decidir meu destino. Eu estava sentindo a pressão da minha depressão, mas a sobrevivência ainda estava profundamente enraizada em mim. Meu corpo precisava de comida para sobreviver.

Tentei manter meus olhos na água enquanto Reece se sentava em silêncio ao meu lado. Mas o volume crescente dos madrugadores logo chamou minha atenção. Comecei a observá-los. Estudando-os de perto, comecei a notar seu humor e saudações estranhamente contentes. Eu sabia que alguns deles estavam de luto pelas perdas. Mas havia tantas pessoas nesta comunidade flutuante. Pelo menos cinquenta ou sessenta. Já tínhamos visto um grupo desse tamanho antes, Sam e seu pessoal – o grupo de Rowan. Mas, ao contrário deles, essas pessoas não eram hostis comigo. Embora eu suspeitasse que muito disso tinha a ver com o fato de eu ser mulher e estar sozinha. Se meu grupo tivesse vindo aqui comigo, tenho certeza de que não teria recebido tantas saudações alegres. Aqueles que me observavam com cautela se sentiriam compelidos a proteger sua casa e seus entes queridos, e eu não poderia culpá-los por esse instinto.

Homens e mulheres mais velhos reuniam-se de barco em barco, sentindo o cheiro quente de peixe grelhado flutuando em suas cabines. Os membros mais jovens do grupo falavam mais alto,

suas vozes joviais levadas pelo vento. Mas as crianças tiveram toda a minha atenção. Tantas crianças.

Adolescentes, crianças pequenas, bebês. Cercado por adultos atenciosos, mas ainda com liberdade para se mover de navio em navio. Os jogos começaram entre eles e vi provocações e risadas.

Liam se encaixaria perfeitamente com o grupo de garotos à minha esquerda enquanto eles balançavam uma jangada de madeira na água enquanto lutavam. Blue ficaria contente em brincar na cabine do barco à minha direita, onde uma mulher soprava bolhas com seu filho enquanto seu pequeno rádio cantava a letra de uma música do Journey. Imaginei ele brincando ali no centro cozinha da cabine enquanto Jay e eu nos enroscávamos no sofá do canto, observando-o rir e balbuciar enquanto Liam corria em volta dos barcos, destemido e feliz.

Eu queria tanto isso que pude sentir o gosto. Essas pessoas não tinham ideia de quão bom eles eram. Que sorte eles tiveram de se unir para criar este lugar enquanto o mundo queimava ao seu redor. Eu não sabia o quão sustentável era. De onde vieram seus suprimentos. Quanto tempo eles poderiam flutuar com segurança neste lago. Mas isso não importava para mim. Nada durou para sempre. Este lugar poderia flutuar por muito tempo. Tempo suficiente para reforçar um acampamento na costa distante. Construir uma casa fortificada a longo prazo.

"Por que você estava nas estradas?" De repente perguntei a Reece: Eles estavam a quilômetros e quilômetros de distância deste lugar. Por que tão longe? Tinha que haver um local mais próximo para limpar.

Reece inclinou a cabeça e estudou meus olhos semicerrados. "O que?"

"Por que construir a barricada?" Balancei minha cabeça em confusão. "Você deveria estar vasculhando, limpando um desses resorts."

Reece olhou por cima do ombro discretamente, sua boca torcendo-se incerta.

"Por que esconder isso de mim? Estou sozinho, *abandonada*. Lembrar? O que eu poderia fazer com a informação?"

Ele suspirou. "Você viu a horda."

Balancei a cabeça lentamente.

Lance pigarreou alto atrás de nós e caiu na jangada ao meu lado, balançando os pés na borda, as botas roçando a superfície da água. "Estávamos tentando redirecioná-los."

"Está vindo para cá?"

Ele assentiu. "Nós o exploramos há alguns dias. Varidy enviou alguns grupos para bloquear as estradas principais que levam ao lago, direcionando-o para o norte."

"Quantos grupos mais?" Eu perguntei, desconfiada.

Ele riu. "Diversos."

Olhei ao meu redor, mas ele balançou a cabeça. "Não, eles ainda não voltaram."

"Quantas pessoas moram aqui?" Os barcos estavam cheios. Os veleiros menores comportavam poucas pessoas cada, com ainda mais pessoas nos barcos de cruzeiro e barcos de pesca. O barco de Varidy tinha vários quartos, mas era o maior, e eu não poderia imaginar que os outros barcos tivessem muito espaço em suas cabines para mais pessoas do que as pessoas que já estavam aqui.

"Nem todos vivemos em barcos," Reece disse levemente, mas depois corou quando Lance sibilou para ele ficar quieto.

Olhei para a costa distante, apertando os olhos. Mas estávamos muito longe para que eu pudesse distinguir algo específico. Eles tinham outros assentamentos por aí?

“Você não terá a chance de encontrá-los”, Lance me avisou. Sua voz gotejava escárnio. “Se eles não votarem para que você seja jogada ao mar, você será mantido aqui indefinidamente para a segurança de nossa comunidade.”

Desviei o olhar dele, meu rosto estava frio. Na melhor das hipóteses, viver nestes barcos seria emocionante apenas por alguns dias. Não para sempre. Mas sem minha família comigo, seria um inferno. Eu sabia que deveria querer voltar à terra para encontrar os outros. Mas olhando para o vasto lago, eu sabia que nunca seria possível encontrá-los. Eu não tinha ideia de onde estávamos ou como refazer meus passos. Os outros já teriam ido embora há muito tempo. Eu estava perdida.

Talvez fosse melhor se eles me jogassem ao mar e acabassem com meu sofrimento.

DUAS HORAS DEPOIS, depois de pegar o peixe recém-cozido que Reece me trouxera e a maçã vermelha que a jovem de cachos dourados me entregou com um sorriso hesitante, fui levada de volta ao barco de Varidy e sentei-me novamente no mesmo sofá da noite passada. Ainda tinha os cobertores de lã dobrados na ponta que Shannon me deu para me enrolar na noite passada. A sala estava menos lotada esta manhã – apenas Varidy e Jack sentados nas cadeiras de couro à minha frente. Mas os outros reuniram-se no convés para observar através das amplas janelas.

Meus dedos torceram ansiosamente no pelo de Olly. Alguém o levou a algum lugar para se aliviar esta manhã. Outra jovem. Talvez quinze anos, com cabelo curto e cortado e um sorriso tão largo que Olly não teve nenhum problema em perseguir seus arrulhos felizes e arranhões nas orelhas. Mas agora ele estava quieto e vigilante, com as costas apoiadas nas minhas pernas, as patas espalmadas e pronto para cavar o tapete escuro com uma palavra minha.

Jack observou-o atentamente, mas Varidy olhou para mim sem piscar, em silêncio. Eu me contorci, incapaz de ficar parada enquanto ele me julgava. Eu sabia como deveria ser. Dias agora sem banho. Arranhões e hematomas no rosto e nas mãos. Minhas roupas sujas e rasgadas. Era difícil projetar confiança quando eu sabia que devia parecer que estava morando em uma lixeira.

Suspirei. “Apenas acabe com isso.”

“O que você acha que vamos fazer com você?”

Dei de ombros. “Me matar. Afogar-me.” Eu levantei minhas sobrelanceiras. “Queimar-me na fogueira?”

Jack ficou boquiaberto para mim, horrorizado. Mas Varidy apenas riu sombriamente.

Ele se levantou e cruzou os braços sobre o peito grande, olhando para mim. “Meu povo merece justiça por suas perdas”, ele começou ameaçadoramente. “Não temos chance de enterrar nosso povo. Seus corpos não estariam lá mesmo se procurássemos. Pais e mães nunca conseguirão dar descanso aos filhos, Irmãs e irmãos, esposas e maridos sofrerão dores desnecessárias sem um adeus final.” Ele se agachou na minha frente e baixou a voz para um sussurro sombrio. “Duas crianças ficaram órfãs ontem à noite. Kevin tem nove anos e Olivia seis. Eles nunca mais verão o pai. A mãe deles se perdeu há anos e não sobrou ninguém para colocá-los na cama. Eles foram acolhidos por outras famílias, mas hoje em dia o tempo e a atenção são escassos. Suas vidas dependerão da graça e bondade de seus vizinhos.”

Respirei de volta uma nova onda de emoção. "Eu não queria isso," eu murmurei.

Ele suspirou pesadamente. "Eu pensaria que você seria um monstro frio se fizesse isso, mas isso não muda o que aconteceu."

"O que você vai fazer comigo?" Eu perguntei fracamente.

Ele coçou a nuca enquanto me olhava. "Seria fácil decretar vingança. Para permitir que meus vizinhos abandonem sua humanidade. Para nos tornarmos exatamente aquilo de que nos escondemos." Ele se levantou abruptamente. "Mas onde seu povo já começou essa descida, somos melhores que o nosso medo. Melhor do que a nossa dor."

Ele caminhou até o longo bar no fundo da sala e pegou uma pilha de roupas, entregando-as para mim. "Vá para os fundos e tome banho. Eu não vou mantê-la aqui," ele disse rispidamente. "Você não é nosso prisioneira. Ninguém aqui vai te machucar, mas minha gentileza só vai te levar até certo ponto." Ele acenou com a cabeça para a janela. "Eles estão sofrendo. Você pode não ter puxado o gatilho, mas é um símbolo desse ódio e desespero." Ele agarrou meu braço gentilmente e me guiou por uma porta e por um pequeno corredor. "Você terá que fazer a sua parte. Você pode ficar aqui conosco, mas dividirá o quarto com Penny." Ele abriu uma porta fina e acenou com a cabeça para as duas camas de solteiro dentro do quarto. "Se você decidir ficar, avaliaremos seus pontos fortes e colocaremos você para trabalhar aqui ou em terra."

"Em terra?" Eu perguntei hesitante. Ficamos dentro da sala. Era pequeno. Pequeno demais para uma pessoa, quanto mais para duas. Uma cama estava coberta com uma colcha rosa e tinha luzes cintilantes penduradas no teto. O outro estava nu, com lençóis e cobertores cuidadosamente dobrados aos pés. Uma cômoda estava entre elas, as gavetas transbordando de roupas coloridas e brilhantes. No topo havia pilhas e pilhas de livros e vários perfumes e esmaltes.

"Existem alguns resorts que reforçamos na costa, bem como alguns acampamentos."

Eu balancei minha cabeça. "Quantos de vocês tem lá?"

"As pessoas que você vê aqui viveram nesta cidade por gerações. Caminhamos melhor na água do que em terra. Mas há quem ainda prefira as árvores e a terra. E acolhemos muito mais estranhos desde que tudo isso começou." Ele suspirou pesadamente. "O resto do mundo pode estar caindo na merda, mas Handon não está pronto para cair na derrota. Já estivemos aqui muito antes dos resorts e dos turistas, muito antes da infecção, e estaremos aqui muito depois da devastação."

Palavras tão próximas das de Rowan. Mas onde você podia ver nos olhos de Rowan que nem mesmo ele acreditava nelas, Varidy era diferente. Rowan não estava convencido de que sua cidade conseguiria sobreviver. Eles não tinham vantagem. Eles não tinham comunidade e respeito. Varidy falou sobre sua cidade e sua sobrevivência com tanta certeza que acreditei nele. Se alguém pudesse viver suas vidas sem manchar sua moralidade, seriam essas pessoas. Mas não foi porque eles eram mais determinados do que Rowan – ou mesmo Paulie. Não foi porque eles eram de caráter mais forte, mais gentis ou mais indulgentes.

Foi simplesmente porque eles tiveram sorte.

Eles tiveram muita sorte.

A evacuação foi o primeiro golpe de sorte.

Um líder seguro foi o segundo. Esta não foi uma atração de poder como Sam e Rowan tiveram. Varidy era claramente o homem que todos respeitavam.

Mas essas duas coisas só os teriam levado até certo ponto antes de se despedaçarem e se espalharem.

Foi o terceiro. Seu ambiente. Eles tinham a única coisa pela qual todos neste mundo matariam. Segurança.

Centenas de quilômetros disso.

CAPÍTULO SETE

Penny era um ano mais nova que eu. Um centímetro mais baixa que eu, loura e alegre, ela não foi tocada pela devastação e pelo mundo que eles reivindicavam. Ela havia sido protegida dele, mantida completamente a salvo de sua escuridão. Ela era como qualquer outra estudante universitária animada que eu havia cruzado nos corredores da escola em casa. Mas eu não usei isso contra ela.

Ela foi gentil. Muito gentil para esta época e neste mundo. Ela compartilhou suas roupas comigo. O sabonete dela. Seus livros e desodorante. Ela era uma colega de quarto perfeita, limpando tudo e me dando espaço para me afundar na autopiedade. Ela sussurrou sobre as pessoas da cidade flutuante.

A velha Gladys no barco vermelho do pescador, que fazia as melhores tortas de cereja de sua cidade. Ela vestiu macacão e botas de chuva, mas pingava contas chamativas e pedras preciosas brilhantes.

Os Browns eram a quem eu precisaria me desculpar primeiro. O filho deles era o membro mais jovem do grupo perdido. Ele teve que implorar a Varidy para deixá-lo viajar. Ele queria contribuir. Sua mãe não tinha saído da cama desde que Jack e Varidy deram a notícia.

Ela me disse para não me preocupar com o Sr. Kline. Seu filho também foi morto pelas mãos da minha família. Mas ele era um bêbado cruel, e antes dos devastados, ele era recluso e afastado do filho. Ele não gostaria de ouvir de mim. Foi esse tipo de pessoa que mais me preocupou. Mas ela disse que eu raramente o encontraria. Ele flutuava sozinho no lago, pescando quando estava sóbrio, raramente parando no ancoradouro.

Havia outros. Muitos outros.

Eu estava cautelosa naquele primeiro dia, recusando-me a deixar o barco de Varidy a princípio. Mas o homem recusou-se a permitir que eu me escondesse e me arrastou para a multidão, apresentando-me como Willow, sua nova convidada.

Penny assumiu depois disso, mostrando-me onde eu poderia ajudar com os cozinheiros ou os pescadores. Neste momento, os barcos eram autossustentáveis, mas não seria assim para sempre, disse-me ela. Eventualmente, eles ficariam sem combustível. As pessoas estavam tentando se preparar para essa eventualidade, mas eu nunca vi isso. O que quer que eles estivessem fazendo era offshore. Em algum lugar todos se recusaram a falar comigo.

A tristeza que cobria os rostos ao meu redor também estava estampada em meu próprio rosto. Eu mal conseguia reunir energia suficiente para me preocupar com alguma coisa, muito menos ajudar na cozinha ou na pesca. Felizmente, ninguém me pressionou para ajudar – nem mesmo Varidy, embora ele tivesse insistido naquela manhã para que eu ajudasse se quisesse ficar. Agora, ele parecia entender minha necessidade de sofrer, entregando-me silenciosamente um mapa e indo embora.

Nossa localização no lago estava circulada em vermelho, e outra linha vermelha descia por um rio ao lado. Eu sabia que isso mostrava o caminho que Lance nos trouxe até aqui. Fiquei

sentada no convés durante toda a manhã e à noite, olhando o mapa e os barcos indo e vindo da âncora. A conversa no walkie-talkie enchia o ar enquanto os barcos se comunicavam entre si. As crianças brincavam ao meu redor e várias outras ofereceram água e comida a mim e a Olly. Foi difícil compreender. Tínhamos matado seus entes queridos. Eu tinha deixado isso acontecer e, ainda assim, se a situação fosse inversa, eu não poderia imaginar que os encontraríamos com a mesma gentileza.

Paulie matou o homem que matou Reed e atirou em Lacey. Ele fez isso sem hesitar um segundo. Depois disso, ele não se arriscou na próxima vez que encontramos um grupo grande – ele atirou primeiro. Isso me enojou cada vez que uma dessas pessoas estendia a mão ou me dizia uma palavra gentil. Minha vergonha pelo que meu grupo fez com essas pessoas me doeu.

Quando a noite caiu, eu não aguentava ficar perto deles nem mais um segundo. Eu me fechei no quarto e apenas olhei e estudei aquele mapa.

Eu não pertencia a este lugar. Eu sabia disso tão profundamente que isso me deixou desolada e com frio. Essas pessoas eram muito melhores, muito mais gentis do que eu. Isso pode matá-los um dia. Mas, novamente, quem poderia vir atrás deles com alguma esperança de sucesso neste lago? Todos os barcos em todas as marinas próximas pertenciam e eram administrados por eles. Pelo que eu sabia, todas as casas e resorts no litoral eram iguais. Eles estavam operando com segurança e sucesso, e embora eu estivesse com tanto ciúme que senti minhas entranhas ficarem manchadas de um verde doentio, eu não queria ser a pessoa que arrancaria aquela ingenuidade deles. Varidy me pareceu um homem consciente dos perigos. Pessoas com aparência militante espionavam esse lago, passando por nós em barcos a qualquer hora do dia, indo até a costa. Ele falou com eles por meio de sinais de rádio e manuais, assim como alguns outros em seus barcos.

Eu não conseguia enxergar tão longe da costa, mas algo me dizia que muita gente, muita gente de Varidy, estava lá, preparando uma fortaleza que envergonharia a universidade e o santuário de Rowan. Eu me perguntei se talvez houvesse mais de uma fortaleza ao redor do lago. Meu mapa não mostrava nada na costa, exceto uma área verde sombreada e pequenas letras em forma de bloco dividindo os condados e cidades vizinhas.

Mas eles estavam lá. Eu podia sentir isso. As pessoas aqui estavam protegidas. As crianças e os idosos foram cuidados. Havia homens e mulheres fisicamente aptos em número suficiente para proteger os vulneráveis.

Reece e Lance dormiram na sala comum do barco de Varidy naquela noite, e estava claro que eles não ficavam aqui regularmente. Parecia que eles não estavam muito confortáveis na água, mas eles me trouxeram aqui para me esconder do que eles realmente estavam escondendo.

Mas eu não era uma Penny alegre ou uma velha Gladys. Eu não era uma criança que precisava de proteção. Eu tinha minha família lá fora para encontrar. *Eles* me protegeriam.

Eles iriam, Willow? Uma voz sinistra sussurrou para mim em meus sonhos naquela noite. *Eles deixaram você.*

Paulie nunca me quis por perto. Nem os outros. Jay pode ter mudado de ideia, mas até ele se foi. Eu queria acreditar que ele tinha motivos para me deixar na floresta. Talvez para Blue. Ou porque Paulie e Ren tiveram que arrastá-lo embora. Mas, à medida que aquela noite avançava para mais duas, não pude deixar de me perguntar se ele simplesmente presumiu que eu estava morta – ou se não queria ficar.

Meu pai nunca fez isso. Minha mãe estava presa, mas era apenas uma questão de tempo até que ela também fosse embora. Billy e Dahlia eram as únicas duas constantes na minha vida além de Rick. Mas Rick estava morto – e pelo que eu sabia, Dahlia e Billy também.

E então mergulhei cada vez mais fundo na confusão e na dor.

Ficar ou ir?

As chances de eu encontrá-los eram tão baixas que era uma piada. Mas Blue precisava de mim. E eu prometi a Liam que nunca o abandonaria.

E eu amava Jay. Eu o amava como uma doença. Me envolveu e me arruinou para qualquer outro carinho. Eu ansiava por suas mãos ásperas e ordens rudes. Eu queria viver ao lado dele, me fundindo com ele para sempre.

Isso me tornou uma tola? Eu estava me agarrando a eles apenas para correr até eles e não encontrar nada além de solidão e morte?

Foi uma decisão impossível.

Como eu os encontraria? Os telefones desapareceram. Não havíamos marcado um encontro. Um plano para esta eventualidade. Foi míope.

No final, foi o enjôo que decidiu por mim.

CAPÍTULO OITO

"Oh, Deus," eu gemi no banheiro. Penny fez círculos suaves em minhas costas enquanto Varidy observava da porta. Olly estava ao meu lado, esfregando a cabeça na mão de Varidy em sinal de carinho. Varidy foi indulgente com ele como fez todos os dias durante os últimos quatro dias em que estive aqui. De manhã, muitas vezes eu o encontrava na cozinha, já aos pés de Varidy, enquanto ele bebia seu café e despejava seu misterioso caderno e mapas.

"Não está melhorando", Penny se preocupou ao meu lado. "Eu não acho que ela esteja preparada para a água, pai."

Jack e Varidy eram seus pais. Eles a adotaram aos quatro anos de idade. Os dois homens lhe deram tanto carinho quanto um ao outro, e era difícil para mim conviver tão perto. O amor deles me encheu de mais inveja e solidão do que eu poderia suportar.

"Tem certeza que não está grávida, querida?" Varidy perguntou gentilmente.

Balancei minha cabeça miseravelmente. "Não sei. Minha menstruação está prevista para breve."

"Podemos fazer um teste para você", ele disse cuidadosamente. "Só pra ter certeza."

Balancei a cabeça mais rápido, piscando para afastar uma nova onda de tontura.

"Willow—" Penny começou.

"Eu não quero saber." Eu engasguei enquanto falava. "Se estiver, não quero saber."

Varidy suspirou. "Penny, querida, por que você não pega alguns biscoitos para ela."

Ela assentiu e saiu correndo, o cabelo loiro voando atrás dela.

Varidy entrou e se agachou ao meu lado. "Ele ainda está vivo?"

Balancei a cabeça miseravelmente. "Espero que sim."

"Ele deixou você para trás?"

Eu sufoquei um soluço. "Não sei. Tudo aconteceu tão rápido. A horda estava bem atrás de nós, Paulie atirou muito rápido e eu corri atrás de Blue e Liam. Não sei se voltaram para me procurar ou se estavam esperando em algum lugar que eu os encontrasse."

"Filhote," ele suspirou. "Você não vai descobrir aqui. Mas não saber se você está carregando o bebê dele não vai ajudar você a encontrá-lo."

Eu chorei mais. "Se eu estiver, então o que? Não posso ter um filho aqui."

"Não, você não pode", ele concordou. "Você vai precisar de remédios e cuidados."

"Não posso manter um bebê vivo neste mundo", gemi de dor. Blue já foi difícil o suficiente com a ajuda do clube, mas sozinha? Isso seria impossível. A menos que eu ficasse aqui."

"Seria certamente difícil", ele concordou. "Mas você estará segura aqui. Vocês dois estariam."

"Por que?" Eu engasguei. "Você deve me odiar."

"Eu não te odeio, querida", ele disse gentilmente e tirou meu cabelo úmido do rosto. "Devo dizer que nunca entenderei por que seus homens fizeram o que fizeram, mas você precisa saber que nunca fomos colocados nessa posição. Se a situação estivesse do outro lado e fosse o meu

pessoal em jogo, não posso dizer que não teria feito o mesmo. Um homem não saberá a menos que Deus esteja apto para testá-lo."

Eu balancei a cabeça. "Eles não são pessoas más. Eles são como você", insisti. Talvez não tão gentil ou bom, mas igualmente protetor e leal. "Eu sei que o que eles fizeram deve estar matando eles."

"Silêncio, agora," ele disse, levantando-me em seus braços. Ele me carregou para a minha cama e me deitei, dando tapinhas no pé da cama para Olly subir. "Você descansa. Vamos descobrir alguma coisa quando seu estômago se acalmar."

Assenti, mais infeliz do que antes.

NA MANHÃ SEGUINTE, Varidy examinou comigo os mapas em busca de rotas potenciais e, embora eu estivesse muito grata por ele estar disposto a arriscar seu próprio povo para me ajudar a procurar meu grupo, eu simplesmente não conseguia entender o sentido disso. Pode levar semanas. Talvez meses. E isso se eles estivessem parados. Paulie já teria continuado. Eu os perseguiria por meses e meses, colocando em risco a vida de pessoas boas. Se eu fosse, decidi que seria sozinha.

"Está pronta?" Reece me perguntou naquela tarde. Balancei a cabeça com cautela. Varidy me deu autorização para sair. O que quer que estivesse acontecendo comigo não tinha melhorado. Ele disse que a terra era a única cura. Varidy estava navegando para costa durante a noite para se encontrar com seu povo misterioso sobre seu misterioso projeto e não hesitou em me convidar para acompanhá-lo. Olhando para seu rosto envelhecido, um pequeno grão de calor floresceu em meu peito.

Ele estava confiando em mim. Ele sabia que era um risco, mas mesmo assim o fez. Eu silenciosamente prometi a mim mesmo que nunca tiraria vantagem disso.

Nunca.

Subimos em uma velha lancha. Varidy estava nos controles. Lance e Reece flanquearam a mim e a Olly enquanto Penny acenava loucamente do convés do barco de cruzeiro. Jack até levantou a mão e me deu uma piscadela. Eu não conhecia bem o marido de Varidy. Ele era o mais quieto dos dois. Ele também estava mais cauteloso comigo, mas foi ele quem me abraçou depois que eu contei tudo para eles naquela primeira noite. Essas pessoas eram boas demais para este mundo e rezei para que isso nunca mudasse.

Caminhamos lentamente até a costa e apreciei a vista sob o sol da tarde. Eu estava embrulhado em um moletom da marca Penny e um suéter cinza combinando, com um casaco preto grosso. Eles estavam um pouco apertados, mas quentes. Reece me deu um gorro e luvas extras, e Lance trouxe um cobertor de lã para mim e para Olly durante o passeio. Dois outros barcos nos seguiram. Vários homens e mulheres da cidade flutuante estavam num dos barcos, mas homens vestidos de militantes estavam no outro barco que flutuava perto da flotilha. Eles aceleraram e nos guiaram até a marina. Eles foram os primeiros a desembarcar, armados e em busca de ameaças.

Mas nem um único mordedor.

Eu esperava que a costa estivesse lotada deles, dada a quantidade de luz que os barcos emitiam, mas talvez a água fosse mais dissuasora do que eu pensava inicialmente.

Mas depois de entrarmos em vários jipes pretos e em um Range Rover, percebi que estava muito, muito errada. A marina estava completamente fechada. E aqueles portões foram reforçados – fortemente. Observei alguns mordedores ricocheteando nos portões enquanto vários atiradores os observavam de torres toscamente construídas.

Quando saímos dos portões, alguns mordedores nos perseguiram, mas as estradas estavam livres de quaisquer veículos abandonados, então passamos por eles facilmente.

Descemos as estradas e fiquei boquiaberta ao passarmos por posto de controle após posto de controle. A cada poucos quilômetros, trailers e caminhões alinhavam-se nas estradas, cada um deles com algumas pessoas explorando a área, empilhando os mordedores mortos a seus pés na carroceria dos caminhões.

Essas pessoas *não eram* ingênuas. Eles eram um grupo enorme. Uma força própria. Eles estavam limpando as estradas ao redor da marina, tanto da vida quanto dos mortos. Quinze minutos depois, chegamos a um portão alto e vigiado. E depois outro.

E outro.

Todos os três estavam fortemente vigiados. Todos os três estavam completamente livres de mordedores.

O primeiro portão foi feito de restos de madeira, portas, paletes e até alguns carros. A segunda foi a mesma, com restos de cercas e muros de canis jogados fora.

Mas o terceiro era um portão grosso, sólido e preto. Era elegante e brilhante. Não jogado grosseiramente às pressas, claramente estava lá há muito tempo.

"Onde estamos?" Perguntei admirado quando dois guardas abriram o portão de um lado da guarita. Bosques e riachos nos cercaram enquanto percorríamos uma longa viagem.

"Bem-vindo a Olympia," Reece cantou grandiosamente com um movimento de mão. "Antigamente lar de turistas e pessoas ricas e arrogantes."

Chegamos ao topo da colina, e casa após casa após casa preenchia minha visão. E logo além deles estava o lago. Eu sabia que se caminhasse até a água, a marina ficaria alguns quilômetros à minha esquerda e desceria ao longo da curva que levava ao centro do lago, onde o porto seguro flutuante de Varidy estaria flutuando.

Fiquei boquiaberta ao ver o perfil de Varidy enquanto ele diminuía a velocidade e se arrastava ao lado de uma bela e branca propriedade.

"É isso, não é?" Eu perguntei a ele. "Isso é o que você está escondendo."

Ele olhou por cima do ombro com uma inclinação para a boca. "Escondido?"

Eu zombei. "Sim, não acreditei nem por um segundo que você planejava viver naquele barco para sempre."

Reece riu. "Você sabe alguma coisa sobre barcos?"

Balancei a cabeça e ele bufou. "Precisamos de um lugar para nos estabelecermos."

"E daí? Você está fortificando este lugar?"

Varidy assentiu e descemos do jipe. "Foi fácil limpar quando chegou a ordem de evacuação. A maioria dos turistas já tinha fugido e os que ficaram ainda estão aqui ajudando no que podem. Temos alguns outros pontos em mente, mas neste momento este é o nosso foco principal."

"E os portões? Você fez todos eles tão rápido? Fazia apenas semanas. Como esta cidade ainda estava tão cheia de gente? Deve haver milhares deles."

"Ainda estamos trabalhando nisso", disse Varidy rapidamente e me puxou para apontar para o outro lado da luxuosa comunidade. "Lá atrás, estamos ampliando as duas cercas externas.

Dando a volta para o outro lado do lago. O portão interno circunda toda a costa, mas não poderemos abrigar nenhuma família aqui até que todos os três portões estejam concluídos.”

Eu balancei a cabeça. “Então é por isso que não há muitas pessoas aqui agora? ”

Havia muitos carros e caminhões e ônibus enormes sendo carregados e descarregados por toda parte da comunidade. Apenas na minha linha de visão, havia pelo menos sete enormes casas como aquela que estávamos diante. Cada um tinha sua própria entrada enorme e alguns até tinham fontes secas. Vi gramados perfeitamente cuidados que eu sabia que logo estariam cobertos de vegetação por falta de manutenção. Tarefas mais importantes do que cuidar do gramado estavam sendo realizadas. Mas apenas com os campos que conduzem à comunidade e os portões fora do portão interior, eles tinham tanta terra que podiam plantar e construir. Realmente era uma fortaleza impressionante. Pelo menos, seria quando fosse seguro.

Mas eu ainda tinha um grande pensamento ardente no fundo da minha mente.

Isso poderia funcionar. Poderia ser incrível. Isso manteria afastados os mordedores retardatários – até mesmo grupos deles – mas...

“E a horda?”

CAPÍTULO NOVE

"Fique com ele", disse Paulie em voz baixa para Burman quando saímos da cabana.

Burman assentiu e fechou as portas atrás de si.

Arranquei minha lâmina do crânio do filho da puta aos meus pés. O cheiro era pior do que qualquer coisa que eu já tivesse sentido. A visão dos mortos foi pior do que qualquer coisa que eu já tinha visto.

E eu estive em alguns lugares fodidos. Fui atrás de algumas pessoas fodidas.

"Não podemos ficar aqui", Paulie gritou enquanto lutava contra outro mordedor.

Eu não me importei. Eu não estava me movendo. Não até que eu tivesse certeza.

Eu não tinha outro lugar para ir. Nenhum outro lugar para procurar. Nós revistamos esta cidade dia e noite e nada. *Porra, nada*. Eu rugi e empurrei dois mordedores de uma só vez.

Syd riu e puxou um de mim pela parte de trás do cabelo.

Chutei o outro no peito até ele cair, pisando em sua bochecha e apunhalando-o no olho. Então olhei de volta para a cidade. Estava vazia. Mas havia vida aqui recentemente. Os mortos estavam no chão. Muitos deles. Baleado por alguém. Muitas pessoas.

Se ela não estivesse aqui, quem quer que viesse aqui me levaria a algum lugar onde ela *estaria*.

Eu não estava me movendo. Meu instinto me disse para esperar.

Eu não sabia se ela se encontrou com essas pessoas, mas era tudo o que tínhamos para seguir em frente.

Minha garota era inteligente.

Se ela não conseguisse nos encontrar, ela encontraria outros.

Ela era um ímã de problemas. E eu estava apostando que esses idiotas encontrariam meu ponto baixo.

Esta cidade não estava longe de onde ela desapareceu. Junto à linha de água.

E Burman fez aquele filho da puta implorar. Desabafando sobre uma cidade na água. Cheio de gente. Parecia mentira para mim, mas Burman jurou que tinha arrancado isso dele.

Onde quer que fosse. O que quer que fosse. Ela estava lá. Eu podia sentir isso.

E estávamos avaliando seu local de fornecimento no horário nobre.

Eles estariam de volta.

E eu mataria cada um deles para chegar até ela.

CAPÍTULO DEZ

Varidy nos acompanhou até a enorme casa branca, apresentando-me a algumas pessoas, a maioria trabalhadores — pessoas dedicadas ao crescimento de sua nova casa — e aos líderes de sua equipe. Mas na sala central estavam sentados vários homens mais ou menos da idade de Varidy, todos esperando por ele em uma ampla mesa de jantar.

Eram dez, incluindo Varidy, e logo descobri que ele não era o único líder desse enorme grupo de pessoas. Ele era um entre dez.

Cada um deles tinha um local que estavam preparando em algum lugar ao longo da margem do lago. As pessoas da cidade flutuante pertenciam a diversas áreas ao longo do lado oeste do lago. Os sobreviventes desta cidade seriam divididos entre as comunidades, mas Olympia era a base principal. Era o lugar que eles escoravam primeiro, antes de poderem expandir. Era também onde despejavam todos os suprimentos para as outras comunidades. Eles se deslocavam sistematicamente por esta e por outras cidades para coletar o máximo possível de alimentos, água, remédios e roupas. Além disso, combustível, ferramentas e armas. Tudo o que os catadores pegariam primeiro. Todo o resto viria mais tarde. O conforto poderia ser encontrado quando eles tivessem mais espaço facilmente defensável.

Perguntei como eles poderiam ter se organizado tão rápido, e cada um deles eles olharam para Varidy. Ele havia começado os preparativos com o grupo no momento em que a infecção atingiu a costa leste. Como um sobrevivente extremo, ele viu o desastre antes de qualquer outra pessoa no mundo.

Cada um desses homens pertencia ao seu clube náutico, cada um deles figuras proeminentes em suas respectivas áreas ao redor do lago. Depois que o resto dos Estados Unidos perdeu contato com a costa leste naquelas primeiras horas, começaram as especulações de que estava começando no oeste, e Varidy e os outros começaram a se preparar e a seus vizinhos. Quando chegou a ordem de evacuação, eles já estavam prontos para se mudar e colocar seu plano à prova.

Parecia um conto de fadas. Que estes dez homens conseguiram organizar milhares de pessoas tão rapidamente em meio ao caos e ao medo. Que seus vizinhos confiariam neles e em sua ideia gigantesca em detrimento dos conselhos dos militares.

Mas um homem era xerife. Outro, um médico respeitado e adorado. O treinador do time de futebol local. E assim por diante. Todos eram pessoas que essas cidades amavam e respeitavam.

Muitas pessoas foram embora. Fugindo para *zonas seguras* dos militares invisíveis. Mas tantos ficaram. Não estão dispostos a deixar a segurança das terras ao seu redor. Suas casas. Aqui, eles poderiam controlar seu destino.

Perguntei como eles poderiam saber que não era um vírus transmitido pelo ar naquele momento e fugiram para escapar dele. Mas a lógica de Varidy era simples. Estava em ambos os lados deles. Isso deixava o norte e o sul, mas estava se espalhando tão rapidamente desde o

início que ele sabia que não havia como escapar da infecção. Tudo o que vocês podiam fazer era fortalecer suas casas e impedir a entrada da ameaça com todos os meios necessários.

Apenas três dias antes da minha chegada, o medo deles finalmente diminuiu o suficiente para oferecer a outros sobreviventes locais que se juntassem a eles. Cidades distantes da cidade lacustre. Mas não sobraram muitos nessas cidades. Então, agora eles examinavam as pessoas que encontravam viajando, e sua culpa por não salvar seus vizinhos distantes os levava a abrir suas portas para qualquer pessoa que encontrassem.

Perguntei-me quantas cidades mais em todo o mundo poderiam ter conseguido este tipo de sobrevivência em tal escala. Eu nunca teria acreditado antes de vir para cá. Mas a prova estava me encarando.

E agora, aquela segurança que eu cobiçava, que a minha família procurava, estava a ser ameaçada por milhões de outras pessoas em todo o mundo que não tiveram tanta sorte. Os mortos. Eles vagavam pelo mundo agora em busca de comida – e Varidy a tinha em abundância.

O grupo que Paulie e os outros derrubaram? Eles não estavam barricando a estrada para impedir a entrada de pessoas como nós. Eles estavam barricando para redirecionar os mortos. Para levá-los ao redor do lago. Para manter sua casa segura e protegida. Eles teriam nos orientado aqui o tempo todo. Ofereceriam um pedaço da sua magnífica casa.

Se ao menos tivéssemos perguntado.

Varidy teve uma reunião rápida e a portas fechadas com os homens antes de me mostrar onde eu passaria a noite. Quando ele foi me deixar no quarto opulento, ele gentilmente colocou em minha mão o mapa que eu havia deixado no barco. “Só por precaução”, ele disse gentilmente.

Deixei-o no quarto e explorei a casa e a comunidade com Reece. Era doentivamente lindo. Dezenas de pessoas se sentiriam confortáveis em apenas uma dessas casas. Era grande o suficiente para todo o clube e nossas famílias. Mas eles não estavam aqui para ver isso. Eles nunca estariam.

Reece me seguiu, me mostrando cada casa e todas as coisas que eles estavam fazendo para se preparar para o resto das famílias. Mais de trezentas pessoas viveriam somente na comunidade. Mas agora, mais de quatrocentas pessoas dormiam aqui enquanto limpavam as estradas e recolhiam os suprimentos. Havia mais de vinte casas nesta comunidade, com mais de vinte pessoas morando em cada casa atualmente. Para algumas casas, isso não foi problema. Mas em outros, mais perto dos portões, as casas menores, sem muita vista para o lago, eram menores e as pessoas dividiam quartos.

Fiquei sabendo que havia outros dois locais no lago onde as pessoas estavam escondidas, trabalhando para limpar a área. Esses lugares eram muito mais solitários. Mais perigoso. As crianças não corriam nesta comunidade. Aqueles que não tinham barco ou amigos íntimos com barco tinham todos os filhos hospedados em casa, perto da água. Um grande barco de pesca estava na água, com vários barcos a remo sempre tripulados e vigiados, prontos para transportar as crianças para o barco de pesca ao primeiro sinal de problema.

Depois de dormir em um quarto onde eu sabia que caberia muito mais gente, comecei a ficar inquieta. Eu mal conseguia dormir, mas pelo lado positivo, minha náusea havia diminuído agora que eu não estava convivendo com as constantes ondas no lago. Na manhã seguinte, quando os caminhões se preparavam para partir em busca de mais suprimentos e deixar os trabalhadores das barricadas, eu estava na fila e pronta para embarcar.

Varidy me encontrou lá. "Indo para algum lugar?" ele perguntou cuidadosamente.

Corei e desviei o olhar. "Só para dar uma volta."

Ele assentiu e olhou para minhas costas, notando a falta de suprimentos que eu carregava. Seus ombros pareceram relaxar e ele sorriu, entregando-me um revólver prateado. "Esses meninos vão cuidar de você, mas só por precaução."

Eu sorri agradecido. Feliz por ele não estar me mantendo aqui. Como uma prisioneira.

Tão aliviada que ele confiou em mim para sair – com uma arma.

"Você pelo menos conseguiu seu mapa?" Ele colocou a mão no meu ombro e me guiou até o banco do passageiro dianteiro do caminhão baú. O homem saiu sem dizer uma palavra e subiu no banco de trás.

Limpei minha garganta grossa. "Não."

Ele suspirou pesadamente. "Lance!"

Lance saiu correndo de outra caminhonete, nos observando com cautela.

"Você vai ficar de olho nela", disse ele ao homem mais jovem.

Lance assentiu lentamente, não chateado, mas curioso.

LANCE SENTOU-SE AO MEU LADO, empurrando-me para o assento do meio, ao lado de outro homem com uma barriga grande. Ele era amigável, exageradamente, observando cada movimento meu com um sorriso rápido. Embora ele me fizesse sentir desconfortável, eu não estava com medo. Lance não lhe deu atenção e, em vez disso, pela primeira vez, falou comigo sem um pinga de escárnio. Ele me mostrou pontos de referência específicos quando passamos por eles e descreveu sua casa, alguns quilômetros ao norte, onde seu pai e sua mãe trabalhavam nas estradas acima da comunidade.

Cada vez que nos voltávamos, ele apontava algo específico e me contava uma história. Graças à sua abundância de conhecimento, se algum dia eu precisasse, talvez conseguisse encontrar o caminho de volta para Olímpia.

Não vimos nenhum mordedor no início. Mas, eventualmente, as barricadas desapareceram no retrovisor e subimos colinas até o centro da cidade. Os caminhões ficavam do lado de fora das lojas, com pessoas carregando caixotes e sacolas nas traseiras. Outros empilhavam cadáveres dentro do armazém agora vazio. Vi alguns incêndios à distância e, a julgar pelo cheiro enjoativo no ar, sabia que eram corpos queimados.

Pulei do caminhão e ajudei algumas pessoas a carregar mais suprimentos, me apresentando e gostando genuinamente da camaradagem e da atmosfera tranquila quando normalmente ficaria apavorada. Mas com a arma de Varidy na minha cintura, Lance ao meu lado e mais de cinquenta pessoas aglomeradas no meio do estacionamento, eu não estava. Guardas estavam posicionados ao redor da estrada para vigiar os mordedores. Nada iria surgir inesperadamente neste ambiente aberto.

"Então, Varidy disse que você vai ficar conosco?" Lance perguntou enquanto me ajudava a levantar uma caixa de peças de carro na caminhonete.

Dei de ombros. "Eu ainda não decidi."

Lance cantarolou e olhou para mim pelo canto do olho. "Reece diz que você pode precisar de um lugar para ficar em terra firme."

Eu enrijei. "Ele fez?"

Lance riu. "Não fique tão horrorizada", ele riu. "Ele tem uma queda por você, mas é covarde demais para aceitar isso. Ele é inofensivo."

Eu cedi de alívio. "Estou comprometida." E possivelmente grávida. Eca.

Lance franziu a testa. "Você tem certeza disso?"

Desviei o olhar, meus olhos doendo. "Sim." Claro. Mesmo que eu nunca mais o visse, eu era dele.

"Certo." Ele sorriu. "Deixe-o cair suavemente, sim? Reece está esmagando muito."

Meu rosto deve ter acalmado meu pânico porque de repente ele jogou a cabeça para trás, gargalhando. "Não se preocupe, Willow. Você não é a única. Penny e uma coisinha linda em Olympia estão no seu encalço."

Minhas bochechas queimaram. "Penny? "

Ele riu. "Eu sei, ela está fora do alcance dele. Mas se ela quiser ir para uma favela..."

Meus lábios se curvaram. "Eu estava pensando que ela é um pouco velha para ele." Ele tinha pelo menos dezoito anos?

"Não, aquele garoto estava perseguindo saias do último ano antes de chegar à puberdade."

Soltei uma risada com ele, minha garganta doendo com o som não utilizado.

Um tiro soou e estrangulou o som na minha garganta, diminuindo-o em um coaxar.

"Atrás do Martin!" alguém gritou. As pessoas correram em direção ao mercado com uma grande placa "Martin's" na frente.

"Entre na caminhonete", Lance gritou e me empurrou em direção à caminhonete vazia no final do estacionamento. Foi a única que não foi carregado.

Eu me virei enquanto ele corria de volta para a loja. "Onde você está indo?"

"Entre na caminhonete, Willow!"

Rosnei e corri até a caminhonete. Eu não queria me esconder, mas não sabia como esse grupo funcionava e não queria correr o risco de atrapalhar. Varidy confiava em mim para ouvir Lance, então eu precisava confiar neles em troca.

A porta da caminhonete estava parcialmente aberta, então rolei para dentro dela e fiquei de pé, segurando-me na lateral e observando as pessoas correndo em direção à loja.

Ouvimos apenas um tiro, mas foi o suficiente para soar o alerta. Varidy me garantiu que eles estavam redirecionando a horda, mas isso não significava que grandes grupos não pudessem se separar e nos emboscar.

Uma mão apertou minha boca e me arrastou de volta para o espaço escuro da caminhonete baú. Meu grito foi abafado e, quando estendi a mão para pegar a arma que estava nas minhas costas, minhas mãos foram apanhadas e puxadas para trás bruscamente.

"Sou eu", ouvi algo rouco em meu ouvido, e meu estômago caiu até a ponta dos pés, mesmo quando meu coração inchou tanto que parecia que iria dar um soco no meu peito.

Jay.

Jay estava aqui.

CAPÍTULO ONZE

Eu gritei seu nome contra sua mão e se mexeu descontroladamente.

Jay soltou minhas mãos e me girou, apertando suas mãos suadas em meu rosto e deixando cair sua testa na minha.

"Você está aqui," eu chorei, agarrando-o pelos ombros.

Ele assentiu, rolando sua testa contra a minha.

"Você veio," eu respirei maravilhada quando sua boca veio até a minha. Abri para ele imediatamente.

"Claro que sim", ele murmurou, me apoiando contra a parede da caminhonete. "Teria sido mais cedo se eu não tivesse levado um tiro."

"O que?" Eu chorei contra sua boca.

"Não é nada," ele murmurou, lambendo a minha. Ele me levantou contra a parede e eu me mexi nervosamente.

"Onde?" — exigi, minhas mãos percorrendo-o descontroladamente.

"Low, querida," ele murmurou asperamente contra meu ombro.

"Desculpe," eu sussurrei. Meu rosto se abriu em um largo sorriso quando finalmente olhei para ele. "Eu te amo."

Ele gemeu baixo e tomou minha boca novamente. "Sim você faz."

"Pensei que você tivesse me deixado para trás", choraminguei enquanto ele beijava meu pescoço, sugando a pele com força.

"Nunca."

A caminhonete balançou, separando-nos um do outro. Eu choraminguei enquanto ele rosnava, mas ele me agarrou com força contra ele. Por cima do meu ombro, ele olhou para o nosso intruso.

"Temos que ir", disse uma voz sombria. "Aquele menino está voltando."

"Paulie?" Eu perguntei em descrença.

Paulie fez uma careta para mim e acenou para que avançássemos. "Syd tem as chaves. Você está voltando para cá?"

"Chaves deste caminhonete?" Eu perguntei, confusa.

"Sim", Jay grunhiu para Paulie, não para mim.

"Tudo bem, segure-a com força. Eles provavelmente nos seguirão."

"O que está acontecendo?" Eu perguntei durante a conversa deles.

— Vou tirar você daqui — disse Jay sombriamente.

"Você não pode levar a caminhonete deles," eu disse lentamente, meus lábios machucados e formigando. "Onde está sua motocicleta?"

"Não temos tempo para essa merda", Paulie latiu e olhou ao redor da caminhonete. "Porra." Ele pulou na caminhonete novamente e abriu as portas. "Syd, dirija!" ele gritou.

"Não, pare", gritei de volta e corri para a porta, fechando-a novamente. Jay me agarrou, mas eu o afastei. "Não podemos simplesmente ir embora. Eles vão me procurar." Lance iria me perseguir. Eu sabia que ele faria isso porque Varidy havia confiado minha segurança a ele.

"Nós sabemos. Eles estão rastejando por toda a cidade", Paulie rosnou e me empurrou para fora da porta. Ele foi fechá-la novamente, mas eu pulei no chão.

"Low," Jay rosnou, agarrando meus braços para me puxar de volta para dentro.

"Para. Apenas pare," eu lati de volta.

"Garota, eles vão nos ver a qualquer minuto, e eu não tenho balas suficientes para todos eles," Paulie rosnou, também estendendo a mão para mim.

"Você não precisa de balas," eu sibilei, minha voz falhando. Oh, Deus, isso ia ser tão ruim.

"Não. Você acha que eles vão nos deixar sair daqui?" Paulie perguntou maliciosamente. Mas Jay estava me olhando como se eu fosse uma estranha, e eu não consegui nem reconhecer a pergunta.

"Você não precisa machucar essas pessoas", eu disse a ele calmamente. "Eles são boas pessoas."

Os dois homens ficaram boquiabertos para mim.

"Willow, você está bem?" Lance chamou enquanto voltava para a caminhonete que estávamos carregando alguns momentos antes. De onde ele estava, ele não conseguia ver a traseira da caminhonete, mas ele definitivamente me viu parada ali com uma expressão de choque – e sem dúvida de terror – no rosto. "Era um falso alarme."

Sim, uma diversão do meu namorado e do tio dele. Provavelmente, mais pessoas do nosso grupo também estavam à espreita na floresta circundante. Esta situação iria mudar muito rapidamente se eu não a corrigisse rapidamente. Limpei a garganta. "Sim, acabei de deixar cair alguma coisa."

"Tudo bem, se apresse. Estamos quase carregados."

Balancei a cabeça rapidamente e me aproximei da caminhonete, fora de sua linha de visão. "Você não precisa fazer assim", eu disse a Jay calmamente. "Basta descer e caminhar até lá comigo."

Jay balançou a cabeça, franzindo as sobrancelhas. "Low, querida, me escute. Nós precisamos ir."

"Eu..." Olhei de volta para o lago. "Eu não posso simplesmente ir embora."

Paulie agarrou minha camisa e me puxou para mais perto de seus joelhos agachados. "Não temos tempo para isso. Agarre-a."

"Por favor, Jay," eu sussurrei. "Apenas confie em mim. Por favor."

Ele praguejou e olhou para Paulie. "Paul", ele avisou.

"Ela vai nos matar", ele sibilou.

"Não," eu engasguei. "Apenas confie em mim."

"Deixe-a ir," Lance rosnou de lado.

Nós três nos viramos para encarar os quatro homens que haviam se aproximado dele pela lateral.

Paulie praguejou violentamente e olhou para mim, me jogando para longe dele. Lance e os quatro homens me cercaram, apontando suas armas para Jay e Paulie, e então outro homem se aproximou com Syd carrancudo, as mãos para cima, uma arma nas costas.

Peguei todos os três olhares de traição e enterrei profundamente.

"Não é inteligente, pessoal", disse um homem mais velho. "Você está bem, querida? "

Balancei a cabeça rapidamente, correndo entre as armas e Jay, levantando as mãos. "Eles são meus amigos," eu engasguei. Olhando para Lance, implorei com meu olhar: "Não os machuque".

Lance suspirou. "Esses são então?" Aqueles que eu estava procurando? *Aqueles que mataram seu povo?*

Pisquei para afastar as lágrimas e balancei a cabeça. Saber que estava traindo minha família de várias maneiras.

Mas eles eram tudo para mim, e se eu quisesse tirá-los da estrada e colocá-los em um lugar seguro, isso *precisava* acontecer.

Eu estava confiando cegamente em Varidy e rezando para que ele a pegasse, em vez de deixá-lo cair no fundo do lago.

CAPÍTULO DOZE

Eu podia sentir a ira de Paulie e Syd do outro lado da sala. Mas Jay não saiu do meu lado. Suas mãos foram amarradas e suas armas confiscadas. Mas eu podia sentir sua força penetrando em mim enquanto ele ficava o mais próximo possível de mim, sem o uso das mãos.

"Eles têm que usá-los", disse Lance calmamente.

"Eu não fiz isso," argumentei de volta, jogando os capuzes de volta para ele.

Ele murmurou algo vulgar e olhou para mim com frustração.

"Não se atreva a dizer que foi porque sou uma menina", eu o avisei.

Ele encolheu os ombros. "Tudo bem, não vou. Mas não podemos confiar que eles não nos reportarão para onde vamos."

Olhei para a carranca furiosa de Paulie e fiz uma careta. Eu não tinha certeza se eles poderiam confiar nele para não fazer isso também.

Paulie alegou que eles estavam sozinhos quando os outros começaram a vasculhar a área, mas era provável que houvesse mais alguém observando. Eles poderiam simplesmente nos seguir, independentemente de os caras estarem vendados ou não. Mas eu não ia jogar isso ao ar livre, e eles se recusaram terminantemente a nos deixar falar com Varidy.

Lance estendeu a mão para colocar o capuz em Paulie novamente e novamente surtou, tentando dar-lhe uma cabeçada. Lance olhou para mim.

"Deixe-me ligar para Varidy. Talvez ele simplesmente venha aqui."

Alguém murmurou um palavrão e me jogou o rádio. "Estou cansado de discutir sobre isso. Vamos? Vamos ficar? Descubra", disse ele e saiu da pequena agência dos correios.

Lance caminhou até mim e Jay ficou rígido, mas não disse nada enquanto Lance ligava o rádio no canal certo e o devolvia.

"Uh, Varidy?" Liguei para o rádio.

"Quem é?" A voz de Varidy estalou de volta.

"Willow."

Silêncio. Então, "Willow? Onde está Lance, querida?"

"Ele está bem aqui," eu assegurei a ele.

"Tudo certo?" Ele perguntou então.

Lambi meus lábios nervosamente. "Bem, encontrei alguns dos meus amigos."

A ira de Paulie queimou meu rosto e eu me curvei em torno do rádio.

Silêncio. Então, "Huh, acho que você não precisava daquele mapa, não é?"

"Não," eu disse cautelosamente. "Hum, Varidy?"

"Ainda estou aqui, querida", ele disse gentilmente. "Você está saindo?"

"Não, eu estava, hum, queria saber se talvez você estivesse disposto a conhecê-los."

Silêncio. Longo.

"Essa é a pergunta," ele disse rispidamente.

Segurei o rádio com força, as palmas das mãos suando. "Eu sei. Eu sei que é. Mas somos mais do que nossas más decisões."

"Aquele Paulie está com você?"

Paulie rosnou e pulou em mim. Várias pessoas o seguraram, mas foi Jay quem se interpôs entre nós. Ele virou as costas para Paulie e procurou meus olhos. "Você confia nele, querida?"

Assenti com lágrimas nos olhos.

Ele suspirou. "Coloque-o."

Apertei o botão e coloquei-o na boca de Jay. "Este é Jay aqui. O homem de Willow."

"Ah, então ela o encontrou," Varidy murmurou suavemente. "Prazer em conhecê-lo, Jay."

"Paulie não vai querer se encontrar", disse Jay ao rádio. "A confiança é escassa hoje em dia."

"É, se você afastá-lo", Varidy respondeu.

"Mas estou disposto a voltar com ela."

Paulie gritou seu nome, mas Jay olhou para ele. "Apenas eu. Você deixa meus irmãos irem."

"Não estamos no negócio de prisioneiros, filho, mas se eu deixar você voltar aqui, e como vou saber que eles não estarão atrás de nós?"

Jay suspirou. "Você acha que a encontramos sozinhos?"

A maneira baixa com que ele disse isso. As implicações disso. A maldade com que ele o entregou.

Afastei-me de Jay e seus olhos brilharam.

Vários homens ao nosso redor se mexeram.

Não tinha me ocorrido como Jay me encontrou até agora. Eu estava tão feliz.

"O que você fez?" Eu perguntei a ele com cautela.

"O que eu tinha que fazer", ele respondeu.

"Willow," Varidy chamou.

"Estou aqui," eu resmunguei.

— Estou a caminho — disse ele sombriamente. "Sugiro que você pergunte ao seu homem quem ele tem antes de eu chegar aí."

Afastei-me de Jay para sussurrar no rádio. "Sinto muito, Varidy. Eu não fazia ideia."

"Vejo você em breve."

Silêncio.

Lance pegou o rádio da minha mão flácida.

SENTEI-ME ao lado de Jay contra a parede. Paulie e Syd se inclinaram contra a parede oposta. Lance me observou ansiosamente em busca de respostas, assim como o resto da multidão reunida.

Jay encontrou um grupo menor na estrada e presumiu corretamente que eles faziam parte do grupo que estava na barreira. Ele não sabia se eu tinha encontrado o caminho até aqui, mas era o único lugar onde eles podiam olhar com a horda agora invadindo a estrada onde me viram pela última vez.

Parte de mim não poderia culpá-lo. Eu teria feito o mesmo para encontrá-lo. Mas outra parte de mim lembrava-se de como Varidy cuidava bem de seu grupo. Como cada um deles foi protegido e cuidado.

A única graça salvadora foi que Jay não o matou. Mas ele também não quis me dizer onde ele estava.

A situação havia saído do meu controle.

"Dias, querida. Horas antes de eu acordar e descobrir que você havia partido. *Dias* procurando por você," Jay rosnou em meu ouvido, seus lábios fazendo cócegas nele. "Eu teria feito *qualquer coisa* para encontrar você."

"Eu sei," murmurei fracamente, apoiando minha cabeça em seu ombro.

VARIDY NÃO ERA FÃ. Não pela raiva possessiva de Jay. Não pela ira flagrante de Paulie ou pelo sarcasmo de Syd.

Mas levei apenas dois minutos implorando para que ele concordasse em dar-lhes uma chance.

Mas não podiam saber onde estava Olympia. Então eles tiveram que usar capuzes de qualquer maneira.

CAPÍTULO TREZE

Quando chegamos a Olympia e os capuzes foram removidos do rosto de Jay e dos outros, observei cativado enquanto eles olhavam boquiabertos para a comunidade fortemente vigiada.

"Você não estava brincando," Syd assobiou. Varidy tinha falado muito durante a viagem, contando-lhes sobre Olympia sem lhes dizer onde ela – ou qualquer outra comunidade – estava localizada.

Eles não acreditaram nele – ou em mim.

O rosto de Paulie estava vermelho, mas seus olhos estavam ávidos.

"Aqui," Varidy acenou para que entrássemos em casa.

Ficamos sentados à grande mesa da sala de jantar em um silêncio tenso por mais de vinte minutos.

Quando o rádio ganhou vida, senti um arrepio percorrer minha espinha.

"Nós o pegamos", disse a pessoa do outro lado.

"Vivo?" Varidy perguntou rispidamente.

"Sim," veio uma risada áspera. "Stewart está um pouco maltratado. Parece um gatinho assustado, mas com boa saúde."

Varidy suspirou profundamente de alívio. "E o homem deles?"

"Burman, você disse? Ele está um pouco maltratado, mas só porque Stewart queria um pouco de vingança." Várias risadas cobriram o resto da alimentação. "Acho que ele sobreviverá aos ataques de bebê de Stew", disse o homem, com risadas ultrapassando suas palavras.

"Tudo bem. Volte antes de escurecer — rosnou Varidy, torcendo os lábios.

"Entendi, chefe. Fim de transmissão."

Varidy olhou feio para Jay, mas ele ficou imóvel, as botas relaxadas e tocando as minhas.

"O que agora?" Eu perguntei impacientemente. A preocupação e a ansiedade dificultavam a permanência sentada.

"Agora", começou Varidy, relaxando em sua cadeira, "tenho uma proposta para todos vocês."

SENTEI-ME NA CAMA, esperando Jay voltar do banheiro. A proposta de Varidy flutuou em minha mente repetidamente.

Ajude-os a limpar o fim da horda, ele pediu.

Fazemos isso e escolhemos as comunidades. Poderíamos ficar aqui, mas sob a estrita suposição de que seguiríamos as regras deles. Pessoalmente, não tive problemas com esse acordo. Mas eu sabia, só de olhar para o rosto de Paulie, que isso não iria dar certo. Acho que Varidy também sabia disso.

Como segunda opção, ele estava disposto a nos entregar um de seus navios de cruzeiro enquanto limpávamos uma casa para nós mesmos. Ele estava oferecendo sua proteção, uma parte dos suprimentos e até ajuda para reforçar uma casa. Por outra coisa em troca. Que nos

tornaríamos membros ativos de sua crescente comunidade. Paulie poderia policiar seu povo, desde que não interferisse nas leis de Varidy e de outras comunidades. Poderíamos administrar sozinhos, viver em paz – e com segurança – desde que trabalhássemos juntos. Paulie poderia ser um líder comunitário, sentado naquela mesa de jantar com aqueles outros dez homens, e eu queria tanto isso que poderia sentir o gosto.

Foi mais do que merecíamos. Muito mais.

Mas nem tudo veio do seu bom e bondoso coração. Varidy olhou para Paulie e Jay e Syd e soube imediatamente que eles eram um trunfo. Um grupo inteiro de homens como eles era uma bênção.

Não importa quão pacificamente ele quisesse governar seu povo, um dia haveria outras ameaças.

Não os mortos, mas os vivos.

E homens que tinham escapado repetidamente a esse tipo de perigo, homens que sabiam o que era matar para sobreviver, matar pessoas reais e vivas, poderiam um dia ser necessários em Olímpia.

Varidy queria estar preparado.

A questão era: Paulie aceitaria isso?

“Venha aqui”, Jay murmurou da porta do banheiro.

Eu olhei para cima, arrepios se espalhando por todo o olhar dele.

Lentamente, um pouco cautelosa, muito ansiosa, atravessei a sala até Jay.

Minha mão tocou a pele molhada de seu peito, meus dedos passando pelos pelos ali. Movendo-se pelos vales e descendo pelas curvas até atingir a bandagem fina.

Fiz uma pausa e olhei para ele. “Quão ruim é isso?”

Ele agarrou meus dedos e gentilmente os afastou. “Não é nada.”

“Eu não pensei que veria você de novo,” eu sussurrei suavemente, minha garganta ameaçando fechar em mim.

Jay se abaixou e tirou a dor de mim, sua língua suavemente persuadindo minha boca a abrir. Suspirei junto a dele, meu corpo curvando-se para o dele enquanto ele me levantava e me levava para a cadeira. Ele sentou comigo em seu colo e brincou com minha língua, sua língua quente e úmida e tão cuidadosamente amorosa.

“Você não achou que eu viria atrás de você?” Ele sussurrou asperamente enquanto puxava minha camisa de mim. Abri a boca para responder, mas apenas um som necessitado saiu dos meus lábios quando ele puxou meu mamilo em sua boca com um puxão forte.

“Foda-se todo o resto, Low,” ele murmurou enquanto beliscava meu peito até minha garganta. Suas mãos envolveram minha bunda para nos apertar tão juntos que senti cada centímetro duro dele. “Foda-se todo mundo. Você e eu, nós somos isso. Você é meu jogo final. Você vai, eu sigo. É isso.”

Nenhuma palavra foi dita enquanto ele nos despia até o último pedaço de roupa.

Ele entrou em mim com um impulso e me esmagou contra ele enquanto meus quadris se moviam em círculos nítidos em cima dele. Ele amaldiçoou e chamou meu nome enquanto eu ofegava em seu ombro. Suas mãos me agarrando febrilmente de todos os ângulos. Eu sentiria a mordida de seus dedos pela manhã, a maneira desesperada como ele empurrava em mim por baixo, entre minhas coxas.

Eu não me importei. Todos os dias, enquanto vivi, eu queria senti-lo em cima de mim. Eu nunca quis abandonar esse sentimento.

Ele estava perto, tão perto que se levantou e me deixou cair na beira da cama para que pudesse me atacar por cima. Seus dedos eram afiados e implacáveis enquanto ele puxava entre minhas pernas, forçando meu corpo a subir cada vez mais alto.

“Chegue aí, Low,” ele rosnou no topo da minha cabeça.

Eu já estava lá. Voando e estremecendo ao seu redor. Ele sibilou meu nome e caiu em cima de mim, me jogando na cama até enrijecer e gemer meu nome.

“Eu te amo pra caralho,” ele disse asperamente em meu cabelo e me puxou com força.

FICAMOS DEITADOS JUNTOS A NOITE TODA. Falando sobre tudo e nada.

Billy e Dahlia estavam bem quando ele saiu, embora ele admitisse que não estava preocupado com ninguém além de Blue e Liam antes de sair para me encontrar. Ambos estavam sendo cuidados por todo o clube

Eu me perguntei por que Ren não estava com ele, mas depois que ele ficou tenso ao meu redor com a pergunta, eu desisti. Monty estava vivo.

Todos estavam esperando por Paulie e Jay, mas Ren sabia que deveria mover todos se fosse muito perigoso ficar. Jay estava confiante de que poderia encontrá-los se o fizessem.

Foi a primeira noite de uma série de noites muito longas em que quase consegui adormecer em paz .

O impossível havia acontecido. Jay me encontrou. Ou eu o encontrei.

Não importava. Achei que nunca mais o veria. No entanto, aqui estava ele.

E amanhã eu teria Blue em meus braços e Liam, Billy e Dahlia ao meu lado.

Talvez então eu tivesse coragem de contar tudo a Jay. Sobre o que eu suspeitava. Sobre por que eu estava tão enjoada.

Estaríamos todos juntos novamente. Talvez isso me tornasse corajosa o suficiente.

Corajoso o suficiente para até mesmo reconhecer isso.

CAPÍTULO QUATORZE

Descemos para a sala de jantar para jantar no momento em que o restante dos grupos da comunidade voltava com o sol poente.

Jay e Syd saíram correndo pela porta da frente atrás de Paulie para encontrar Burman. Segui em um ritmo mais lento, acenando para Reece quando ele passou. Ele corou e acenou de volta, mas não parou. Ele deve ter me visto com Jay. Eu me senti mal. Lance queria que eu o decepcionasse facilmente, mas me ver com outro homem era o oposto de fácil. Provavelmente era melhor deixar isso de lado agora.

Parei no topo da entrada circular enquanto Jay dava um tapinha no peito de Burman. O grandalhão me lançou um sorriso e piscou. Fiquei aliviada ao ver apenas um pequeno hematoma abaixo do olho. Um homem mais magro olhou para ele enquanto ele mancava e descia até a casa vizinha. Desviei o olhar antes de deixar a culpa da surra dele me consumir.

Essas pessoas estavam dispostas a deixar isso passar, e eu também.

Outras caminhonetes pararam e algumas pessoas desconhecidas se amontoaram em meio a conversas e risadas. Eu vi Lance caminhar até eles e decidi ir até lá e agradecê-lo por tudo que ele fez por mim e meu grupo. Mas quando ele parou ao lado de um homem alto com cabelos escuros, meus pés pararam com dificuldade e minha respiração me deixou acelerada.

Olhos escuros e calculistas percorreram a multidão, passando por cima de Jay e dos outros e depois reagindo surpresos. Minha língua secou enquanto eu o observava enrijecer e procurar descontroladamente a área ao redor deles.

Jay se virou para olhar para mim, e eu olhei dele para o homem, meus pés tropeçando e correndo. Jay se aproximou de mim, mas eu apontei e gritei: "Finn!"

Finn sorriu lentamente, uma alegria doentia tomando conta de seu rosto quando ele me viu. Jay avançou direto contra ele, derrubando-o no chão.

Gritos soaram quando o punho de Jay bateu no rosto de Finn. Eu estava correndo em direção a eles enquanto várias armas eram apontadas para Jay, Paulie e Syd. "Para!" Eu gritei. Eles iriam machucar Jay, pensando que ele estava atacando uma pessoa inocente.

Ouvi Varidy gritando bem atrás de mim. "Não atire!"

Pulei no meio da multidão e fui direto para as costas de Jay, protegendo-o das pessoas que batiam nele. Tentei tirá-lo de cima de Finn, mas ele foi puxado debaixo de mim e caí em cima das pernas de Finn.

Ele mostrou seus dentes afiados para mim e se lançou, me pegando pelos cabelos. Eu gritei e passei minhas unhas pelo seu rosto. Mais mãos me afastaram de Finn enquanto outras o ajudaram a se levantar, afastando-o como se ele fosse um inocente atacado injustamente.

Eu enlouqueci, agarrando os braços que me prendiam, alcançando seu rosto presunçoso e gritando.

"Cristo, querida. Pare com isso," Varidy rosnou em meu ouvido.

"É o Finn!" Eu gritei de volta, pulando em seus braços.

Observei Finn se misturar à multidão de pessoas preocupadas e chutar descontroladamente, arranhando o ar.

"Segure-a", Jay rosnou e correu para a multidão.

Ele subiu em cima de Finn novamente e Varidy me jogou para outro homem, entrando na luta.

"Suficiente!" ele gritou e disparou sua arma para o alto.

Todos, exceto Jay, pararam. Ele continuou a esmurrar Finn, sem desistir nem uma vez.

"Chega, filho," Varidy rosnou, agarrando Jay com um estrangulamento.

"Não deixe ele fugir!" Eu gritei para Varidy.

"Ele está desmaiado, querida. Droga, ele pode nem estar respirando", ele gritou.

Bom, pensei sombriamente. Eu esperava que ele nunca mais respirasse.

Varidy e dois outros homens seguraram Jay no chão enquanto eu observava o peito de Finn em busca de qualquer sinal de vida.

Enquanto gaguejava para cima e para baixo, uma lágrima solitária escorreu pela minha bochecha. Ele ainda estava vivo. Eu queria enfiar uma faca direto nele.

PAULIE E SYD foram igualmente contidos como Jay, mas depois que Varidy me fez contar a história de Finn para ele novamente, ele finalmente os libertou e me entregou um kit de primeiros socorros para limpar os nós dos dedos de Jay.

"Você precisa ter algo aqui para segurá-lo", Paulie rosnou para Varidy.

Ele balançou sua cabeça. "Temos algo planejado para uma espécie de prisão, mas ainda não foi limpo dos mortos."

Paulie ergueu uma sobrancelha grossa incisivamente.

Varidy soltou uma risada sombria. "Não vou jogar um homem aos mortos."

"Você não pode mantê-lo aqui", implorei. "Ele vai sair."

O rosto de Varidy suavizou-se. "Aquele homem fez mal a você, querida, mas ele não vai a lugar nenhum na condição em que está agora. Nós o tiraremos da enfermaria quando ele estiver estável."

Jay passou as mãos ensanguentadas pelo meu cabelo suavemente, puxando meu rosto de volta para o dele. Ele me beijou suavemente e acenou com a cabeça de volta para os nós dos dedos.

"Meu pessoal precisa poder confiar no seu", Varidy dizia a Paulie. "Você não pode sair assim enquanto estiver aqui."

"Aquele pedaço de merda atacou uma mulher e uma criança sob minha proteção," Paulie rosnou, e eu espiei para ele, surpresa por ele usar isso como justificativa, em vez da horda que Finn derrubou sobre nossas cabeças no dia em que Jay foi baleado na floresta. "Você precisa examinar sua entrada."

Varidy bufou e mordeu o lábio, desviando os olhos da expressão arrogante de Paulie. "Você não diz."

"Você precisa da nossa ajuda", afirmou Paulie. "Você tem mão de obra para crescer, mas não tem as habilidades para lidar com homens como eu." Ele se inclinou para frente. "Há muito mais homens como eu por aí, Varidy. Mas eles não têm as razões que eu tenho para não desistir. Eles já quebraram."

Varidy olhou para mim e eu pisquei entre os homens, preocupada. "Willow?"

Fiquei parada devagar. Jay ficou comigo. Ele agarrou meu braço, mas eu olhei para ele. "Jay." Confie em mim. Você tem que aprender a confiar em mim, implorei silenciosamente.

Ele suspirou e sentou-se novamente, terminando o curativo esquerdo sozinho. Mas seus olhos acompanharam cada passo meu até os dois homens.

"Eu sei que ofereci ao seu grupo a oportunidade de ficar aqui, querida", ele deixou no ar.

Mas não mais. Isso deixou as pessoas muito desconfortáveis.

"Eu sei," eu disse com um pequeno sorriso. "Tudo bem. Nós não teríamos de qualquer maneira."

Varidy assentiu e apertou minha mão. "Você pode pegar o resort no lado sul. Já tenho gente limpando", ele me disse sozinho. "Seu grupo ajuda a eliminar a horda e concorda em trabalhar conosco", ele acenou para Paulie, "*de forma pacífica*", e você será o elo de ligação entre o seu grupo e o meu."

Balancei a cabeça, protegendo meu rosto de Paulie pelos cabelos.

"Aqui?" Pedi para esclarecer, apontando para a mesa.

Varidy riu baixinho. "Sim, querida, você será a primeira mulher nesta mesa."

Olhei para Jay, mas ele estava observando Paulie.

"Tudo bem?" Varidy empurrou.

Engoli em seco. Insegura. Muito insegura.

Eu estava bem em ocupar o lugar de Paulie na mesa? Paulie estava bem com isso?

"Paul", Jay avisou.

Ele suspirou profundamente e puxou a cadeira para trás da mesa, ficando ao meu lado. Uma mão pesada pousou no meu ombro e me virou. Um dedo grosso levantou meu queixo e meus olhos encontraram os escuros de Paulie. "Você precisa desenvolver coragem, garota", ele disse rispidamente. Ele beliscou meu queixo e o jogou levemente. "De qualquer forma, nunca fui bom com política civil."

Meus ombros caíram de alívio quando Paulie saiu da sala.

Jay riu da minha cara de espanto.

"Eu tenho uma espinha dorsal", murmurei sombriamente.

Sua mão serpenteou ao redor da minha cintura pelo lado. "Eu sei, Baby. Você usa isso muito bem quando está caindo em cima de mim," ele sussurrou em meu ouvido, rindo. Meu rosto ardeu e ele mordeu minha orelha. "Mas você tem problemas com o papai."

CAPÍTULO QUINZE

Jay e Paulie saíram logo pela manhã. Eles queriam tirar o resto do nosso grupo da igreja onde estavam escondidos e levá-los para algum lugar seguro o mais rápido possível. Por sua vez, Syd e Burman partiram para ajudar o pessoal de Varidy onde pudessem.

Depois que Jay me deixou nua e sentada na cama, com a promessa de voltar ao anoitecer com Blue e Liam, passei meu dia com Varidy, e ele me mostrou os meandros de administrar uma comunidade de sucesso. Eu não tinha ilusões sobre administrar minha própria comunidade, nem Varidy, mas quanto mais tempo ele passava me mostrando o local, menos precisava se comunicar com Paulie. Esse seria meu trabalho de agora em diante. E por ter um lugar como este para chamar de nosso, fiquei mais do que feliz em ocupar esse lugar – não importa o quão difícil fosse preenchê-lo.

O sol se pôs naquela noite e Burman e Syd voltaram antes de Jay e Paulie. Tentei não deixar meus nervos ficarem fora de controle.

Varidy não os enviou sozinhos. Ele lhes deu vários veículos totalmente equipados com gás e mais de vinte homens totalmente armados para levarem consigo. Caso contrário, não pensei que poderia ter ficado para trás.

Meus dedos coçavam por Blue e meus braços por Liam. Eu queria descansar meus olhos em Dahlia e Billy. Queria abraçar Monty e agradecer-lhe por salvar minha vida.

Mas a espera estava me matando.

Varidy fez com que eu participasse da primeira reunião com os outros nove líderes enquanto ele os contava sobre o progresso do dia.

Foi... revelador.

Esse grupo incrível e resiliente de pessoas conseguiu conduzir a horda ao nosso redor. Aqueles que se infiltrassem na floresta seriam apanhados na costa ou abatidos pelos batedores voluntários que saíam todas as manhãs para patrulhar a margem do lago. Mesmo com todas as salvaguardas em vigor, ainda havia um grupo que havia invadido a estrada onde Reece e Lance me capturaram.

E isso foi culpa nossa. Havíamos quebrado aquela barricada e os deixamos passar. Havia agora mais de trezentos pessoas devastadas atravessando a floresta até a comunidade que o xerife Hilden estava policiando. Ele era um jovem. Por volta da idade de Jay. Alto e com a constituição de um linebacker, com longos cabelos dourados amarrados na base do crânio. Seu rosto estava inexpressivo enquanto Varidy lhe contava as chances de salvar sua comunidade. Se não removêssemos os devastados daquela área, ela seria completamente tomada em questão de dias. Do jeito que estava, as pequenas cercas que conseguiram erguer já estavam entupidas e invadidas. Levaria semanas, talvez até meses, apenas para limpar os acampamentos daquela área dos corpos dos mordedores.

Seria uma tarefa monumental para o seu povo. Mas ele garantiu a Varidy que eles estavam preparados para enfrentar o problema se pudesse ser resolvido.

Partiríamos amanhã para afastá-los. O pessoal de Varidy e o xerife Hilden já haviam conquistado a liderança do bando. Mas agora que haviam passado pela floresta, não conseguiam desmembrar o grupo. E eles não poderiam perder a munição para abater todos eles.

O que eles propuseram foi arriscado. Tão arriscado. Mas ninguém teve uma ideia melhor.

Amanhã estaríamos pegando os caminhões maiores e mais resistentes que tínhamos e, quando eles chegassem aos campos mais baixos, estaríamos abalroando os devastados, dezenas de cada vez.

Parecia ridículo enquanto a cena se desenrolava na minha cabeça, todos nós ao volante e derrubando centenas de mordedores. Mas se conseguíssemos atrasá-los e aleijá-los, então, à medida que voltassem a ficar de pé, a força policial local e os militares remanescentes, intercalados por todo o grupo, poderiam abater o resto.

Mas em vez de balas, estariam armados com machados, facas, tacos de beisebol e pás.

Praticamente qualquer coisa que possa quebrar um crânio.

E o nosso grupo seria o primeiro a entrar.

Eu não argumentei contra isso.

Nós causamos essa bagunça.

Era justo que o limpássemos.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Eu estava esperando na varanda quando os veículos finalmente chegaram, algum tempo depois da meia-noite.

Jay veio direto até mim com Blue. Liam não estava muito atrás.

Agarrei-os com força, desculpando-me profusamente.

Fiquei tão feliz em vê-los vivos e ilesos que levei um minuto antes de procurar por Billy.

Os sócios do clube e suas famílias olharam para a comunidade com admiração. E eu sorri tanto que minhas bochechas doeram.

Nina me viu e correu até mim, envolvendo-me nos braços. Monty me levantou. Meu abraço tão apertado quanto o dele. E então havia Jan e os outros. Gia até me apertou com força.

"Tio Paulie disse que você encontrou um lar para nós", ela murmurou. "Eu não acreditei no começo."

Eu ri com ela, chocado ao ver as lágrimas em seus olhos.

Quando Ren parou na minha frente e olhou para baixo, pude ver a culpa o consumindo. Jay me contou como ele me deixou.

"Era ele ou eu", eu disse a ele calmamente. "Estou feliz que você o escolheu."

O sorriso de retorno de Ren foi distorcido. "Me matou para fazer isso, Will."

"Eu sei", eu disse com tristeza. Nunca seríamos melhores amigos. Mas Jay pertencia a nós dois e, portanto, não tínhamos outra escolha senão amar um ao outro.

Ele suspirou. "Mas não é tão ruim," ele disse secamente, olhando ao redor. "Eu deveria deixar você com os mordedores com mais frequência."

Jay deu um tapa na nuca dele e me puxou para seu lado.

Olhei além deles, procurando por Billy e Dahlia. Mas não consegui encontrá-lo em lugar nenhum.

"Billy e Dahlia?" Perguntei a Jay nervosamente.

Ren franziu a testa e desviou o olhar. Jay pegou Blue dos meus braços e o entregou a Nina, mas quando tentei pegá-lo de volta, ele me puxou pela entrada da garagem.

"Achei que você tivesse dito que eles estavam bem", eu disse fracamente, percebendo seu humor tranquilo.

"Billy está, querida." Jay beijou meus dedos, segurando-os com força enquanto acenava para uma caminhonete na traseira. Billy ficou ali sentado no escuro, segurando algo pequeno e mole nos braços.

Um calafrio tomou conta de mim, tirando toda a minha luz e sugando-a para um buraco negro. "Não," eu sussurrei.

Soltei as mãos de Jay e me afastei. "Não."

"Sinto muito, Low baby," ele disse rispidamente, sua garganta engolindo em seco. Ele fechou a mão e pressionou-a contra a boca enquanto me observava lutar contra o horror disso.

"Não, Jay." Balancei a cabeça freneticamente, meu rosto franzido de dor. "N-não."
"Low," ele murmurou. Mas girei nos calcanhares e corri para a caminhonete.
"Não, não, não, não", lamentei, entrando na caminhonete.
Os olhos de Billy. Eu nunca esqueceria aqueles olhos.
Eles estavam tão secos. Oco. Ele olhou através de mim.
"Eles estão mentindo," eu disse a ele entre um soluço. Recusei-me a olhar para seus braços enquanto me arrastava para mais perto. "Diga-me que eles estão mentindo."
Ele olhou para mim, sem dizer uma palavra. Seu rosto estava relaxado e sem emoção.
Eu não consegui olhar. Eu mantive meus olhos nos dele. Procurando pela mentira.
Cravei as unhas nas coxas tão profundamente que sabia que haveria sangue. Mas eu não acordei.
Minha boca ficou dormente e minha visão ficou turva.
Eu olhei para baixo.
Acho que não parei de desviar o olhar do rosto branco de Dahlia por horas.

CAPÍTULO DEZESSETE

Eu não sabia como ou quando fui para a cama. Mas na manhã seguinte, não era Jay quem estava deitado na cama ao meu lado enquanto o sol nascia.

Foi Billy.

Estávamos ambos de lado, um de frente para o outro. Eu o encontrei me observando quando abri os olhos e vi seus olhos doloridos.

Eles ainda estavam vazios. Um homem derrotado. Mas ele não olhou mais através de mim. Em vez disso, eles se agarraram aos meus com desespero.

“Dói, Will,” ele murmurou.

Meu rosto se contorceu quando o soluço saiu da minha boca.

Ele me puxou em seus braços, me balançando para frente e para trás.

Hesitante, soluçando através das palavras, ele me contou como ela morreu. Liam tentou correr atrás de mim. Ele não queria me deixar. Billy estava dirigindo quando eles reduziram a velocidade para deixar Paulie passar na frente do grupo. Liam aproveitou a oportunidade para pular da caminhonete. Nina tentou entregar Blue a Dahlia para ir atrás de Liam, mas, mais rápido do que deveria, Dahlia saltou da caminhonete e mancou atrás dele.

Mordedores estavam por toda parte e Liam estava inconsolável. Eu tinha prometido que não iria deixá-lo, e ele disse que não poderiam me deixar.

Dahlia lutou contra um mordedor, salvando-o, mas foi mordida em troca.

Ela lutou contra a doença. Cada passo do caminho. Diariamente. Ela não desistiu. Billy a carregou para dentro da caminhonete ontem à noite. Ela ainda estava respirando. Ela ainda estava respirando enquanto eles dirigiam até aqui.

Billy não aguentava vê-la morrer daquele jeito. Isso o matou.

Ele não aguentava vê-la virar. Não em uma dessas coisas.

“Eu a matei”, ele murmurou. Foi ele quem tirou a vida dela. Momentos antes que a doença pudesse reivindicá-la.

Eu tinha perdido ela. Por minutos.

Mas eu conhecia Doll. Ela não gostaria de seguir outro caminho.

Não haveria como adormecer. Nenhum ataque cardíaco seria bom o suficiente para ela.

Ela matou três mordedores com uma adaga e sua inteligência.

Ela deixou este mundo como uma rainha.

BILLY FICOU NA CAMA, esgotado e se afogando na própria dor. Saí para encontrar comida – e Liam.

Na noite anterior, fiquei tão feliz em vê-lo que não consegui ver o que eram suas lágrimas. Culpa e tristeza cegantes. Billy mal teve energia para me dizer que eu precisava falar com Liam

antes de adormecer. Ele disse que não lidou com Liam da maneira certa, mas não tinha coragem de consertar isso agora. Eu não tinha dúvidas de que um dia ele o faria.

Liam era uma criança. Uma criança assustada e solitária.

Dahlia o teria dado um tapa bobo por culpar Liam. Billy eventualmente veria isso.

Encontrei Liam no quintal, brincando com Olly.

Fiquei muito tempo sentada com ele. Apenas ouvindo sua culpa e tristeza. Dando a ele a chance de tirá-lo. E então eu o abracei forte.

"Não é culpa sua", sussurrei em meio às lágrimas.

"É", ele engasgou. "Eu nunca deveria ter saído."

"Você estava procurando por mim." Sorri suavemente, afastando o cabelo do rosto. "Você provavelmente chegaria antes dela."

"Ela não queria ir embora", disse ele, enxugando o nariz. "Mas ela era velha demais para ir atrás de você."

Eu engasguei e cobri sua boca. "Não chame Doll de velha," eu zombei e fiz uma careta. "Esse morcego irá assombrá-lo pelo resto da sua vida."

Liam soluçou de novo e eu escondi o meu no topo de sua cabeça. "Ela está em algum lugar melhor, garoto. Em algum lugar mais doce e muito mais brilhante. Não fique triste por ela. Ela está feliz onde está. Não choramos pelas pessoas que perdemos. Choramos porque sentimos falta deles, ok?"

Ele assentiu e ficamos lá brincando com Olly. Mas em pouco tempo, estava chegando a hora de partir. Liam foi com Jan e Nina e as outras crianças para conhecer a cidade lacustre com Wiley e alguns outros. Mas Syd, Cam, Ren, Jay, Paulie e Burman estavam todos se preparando para partir com o grande grupo para eliminar o que restava da horda.

E eu estava indo com eles.

"NÃO." Jay balançou a cabeça. "Você não está em condições de lidar com isso agora."

Eu balancei a cabeça. "Você tem razão. Eu não estou. Mas eu preciso estar lá com você."

"Low, por quê?" ele perguntou gentilmente.

"E se algo acontecer e eu não estiver lá?" Eu perguntei preocupada. "E se você precisar de mim?"

Jay suspirou e me afastou do grupo. "Não é culpa sua, amor. Não foi isso que acabei de ver você dizer ao Liam na última hora?"

"Você nos ouviu?" Eu perguntei surpresa.

"Não tirei os olhos de você desde que voltei ontem à noite", ele murmurou. "Eu até compartilhei nossa cama com outro homem por você ontem à noite."

Pisquei para afastar as lágrimas.

"Fique com ele agora, Low." Ele pegou minha boca com a dele, suave e lenta. "Eu preciso que você fique aqui, e ele também."

E então eu fiquei.

A COMUNIDADE ESTAVA QUIETA. Varidy e uma tripulação reduzida foram os únicos que ficaram para trás. Billy quase não respondeu, embora eu o tenha feito comer algumas mordidas de ovos mexidos.

Entediado nunca foi uma boa aparência para mim, especialmente enquanto eu estava de luto. E assim, depois de verificar o túmulo toscamente cavado de Dahlia na noite passada, fui procurar qualquer trabalho que pudesse encontrar.

Eu não consegui chegar a menos de três metros do túmulo dela. Um dia, eu poderia me aproximar. Mas, por enquanto, eu não aguentava.

Ficávamos aqui mais alguns dias antes de podermos começar a trabalhar no espaço que Varidy estava preparando para nós, então guardei as coisas de Blue e Liam no meu quarto, embora suspeitasse que Liam passaria a maior parte do tempo nos barcos com as outras crianças da sua idade. Jay até me trouxe as pequenas coisas que eu ainda tinha. Então tirei as roupas de Penny e coloquei uma calça jeans e um moletom preto com capuz. Mas guardei o casaco dela, já que estava frio perto da água.

Por enquanto, mantive as coisas de Billy guardadas em sua bolsa. E então decidi verificar a única ameaça que ainda espreitava nas minhas costas.

Mas quando entrei na enfermaria – quarto – encontrei as duas enfermeiras mortas. Em sua cama havia um pequeno bilhete com meu nome rabiscado com sangue na frente.

Se eu não posso ter você, ele também não pode, querida urso.

Com amor, Finnigan

Deixei cair o maldito bilhete e saí correndo pela porta. Eu poderia anotar sua nota de várias maneiras. Mas de alguma forma, eu sabia que Finn não estava aqui, espreitando nas sombras. Não, ele estava lá fora.

Depois de Jay.

EU ROUBEI UMA CAMINHONETES.

Eu não tinha outra escolha.

Lembrei-me de cada curva que Lance me mostrou. Todas.

E a reunião de ontem me conduziu pelo resto do caminho. Apenas segui o lago, contando os postos de controle. Quando a fumaça subiu no ar, eu a segui pelo resto do caminho.

A caminhonete saltou sobre buracos e manchas de terra. Ela desviou no terreno irregular. Quando cheguei ao topo da colina, vi dezenas de pessoas alinhadas, prontas para assumir o controle de Paulie e dos outros, e pulei da cabine, mal me lembrando de estacioná-lo.

Eu estava tão desesperada para falar com Jay que tinha esquecido completamente o motivo pelo qual eles estavam aqui. Mas então isso me deu um tapa na cara. Tantos mordedores.

Muitos.

Os caminhões os derrubavam, atingindo-os às dezenas de cada vez. Respingos de sangue estavam por toda parte. Foi um caos.

As pessoas olharam para mim quando eu passei por elas, algumas delas já eliminando os retardatários. Olhei para os caminhões, procurando por Jay, mas não consegui encontrá-lo.

Uma cerca nos bloqueou. Aqueles que ousaram pularam, mas todos os outros estavam apenas atacando os mordedores que escaparam dos caminhões e correram para a cerca, ficando presos na tela de arame.

Pulei em volta das árvores e coloquei as mãos na cabeça, incrédula. Ele poderia estar na traseira de um daqueles caminhões, à espreita. Ele poderia estar em uma árvore com um rifle de precisão.

Com Finn, nada estava fora de questão. Ele poderia estar *em qualquer lugar*.

Acontece que ele estava me seguindo o tempo todo.

Ele se esgueirou por trás de mim, me agarrou e me arrastou pela floresta. Os Mordedores seguiram nosso cheiro, nos seguindo ao longo da cerca fraca que os mantinha afastados. Muitos deles estavam empilhados contra ela, e ela cairia mais rápido do que poderíamos combatê-los. Nesse ponto, era difícil saber se Finn ou os mordedores me matariam primeiro.

Chutei descontroladamente, arranhando suas mãos, seu rosto, seus braços. Qualquer coisa que eu pudesse alcançar.

"Oh", ele respirou baixinho, "como eu senti sua falta, teixo." Sua voz estava distorcida, provavelmente porque Jay quebrou quase todos os seus dentes.

Amaldiçoei selvagememente em sua mão suja, gritando por socorro. Quando estávamos longe o suficiente, ele me jogou no chão e levantou uma bota para me chutar na lateral do corpo, mas eu estava de pé e correndo em direção a ele antes que ele pudesse acertar. Levei nós dois para o chão, meus joelhos batendo na terra e meus polegares indo em direção aos olhos dele.

Ele gritou de dor e eu sorri severamente.

Os mordedores na cerca enlouqueceram, abafando seus gritos de dor com seus lamentos de fome.

Ele bateu as mãos contra meu corpo e empurrou os quadris para me tirar de seu peito, mas eu segurei. Minhas unhas afundaram com um estalo molhado e ele gemeu de dor. Suas unhas arranharam meus braços e seus joelhos machucaram minha parte inferior das costas, mas ver o sangue borbulhar e escorrer pelos lados de seus olhos valeu a pena cada hematoma que eu teria amanhã.

Este homem me torturou. Me caçou. Nunca deixando a mim ou ao meu povo sozinhos. Ele não sairia deste campo com vida.

Eu não deixaria isso acontecer.

Afinal, Varidy estava certo.

Foi necessário um certo tipo de homem para fazer isso com outro.

Demorei muito para perceber que estava tudo bem em me tornar um daqueles homens. Se isso significasse que os idiotas doentios como Finn não poderiam machucar outra pessoa, eu daria as boas-vindas a essa escuridão em minha alma. Com prazer.

Porque Jay também estava certo. Não foi minha culpa que Dahlia tivesse morrido. Não era de Liam ou de Billy. Foi deste homem.

Ele matou Dahlia, Reed e Hull no momento em que nos seguiu para fora daquela estrada e para dentro da universidade. As coisas poderiam ter sido diferentes se ele não tivesse nos caçado.

Então, quando meus polegares tocaram os ossos, eu os arranquei e fui pegar a faca enfiada debaixo da camisa dele. Ele agarrou-o fracamente, mas não conseguia parar de tocar seu rosto.

Finn era um caçador. Uma doença cruel que prosperou com a minha dor. Matá-lo não era assassinato. Foi um último ato obscuro para defender a minha vida e a da minha família. E eu estava mais do que bem em assumir esse fardo.

"Não," ele engasgou enquanto cegamente alcançava a faca.

"E você me concedeu misericórdia quando eu implorei, idiota?" Eu perguntei a ele maliciosamente.

Ele engasgou com um gemido.

"Não", sussurrei perto de seu ouvido, "você não fez isso."

A lâmina deslizou pela sua barriga como manteiga.

Ele ainda estava engasgado com a última respiração quando eu o arrastei até a cerca. Mãos alcançaram sua carcaça ensanguentada descontroladamente, bandos de mordedores captando o cheiro e se aglomerando ao redor. Apoiei minha bota contra seus rostos enquanto eles se estendiam e enfiava minha lâmina em tantos crânios quanto pude.

Poderia muito bem ajudar agora que estou aqui.

EPÍLOGO

JAY

“Um pouco mais abaixo”, ela ofegou.

Eu sorri para a pele de sua barriga, meus dedos afundando ainda mais.

“Mais baixo,” ela rosnou. Eu a observei mostrar seus dentinhos para mim de cima e ri.

Minha garota cresceu daquela coisinha tímida. Ela estava exigindo agora. Ambos os lados eu ansiava.

Low me tirou do sério como nada mais fez. Ela sempre fez isso. Ela simplesmente nunca soube disso.

Principalmente porque eu era um bastardo e não a merecia.

Mas ela era minha agora e eu dei à minha princesa tudo o que ela queria.

Ela gemeu de alegria quando eu enterrei meus dedos em sua parte inferior das costas. A pequena protuberância em sua barriga estava crescendo e ela começou a sentir dores na parte inferior das costas. A maior parte das minhas noites e manhãs agora eram gastas trabalhando em todas as dores do seu corpinho quente.

Esta manhã ela estava me matando.

“Cale essa boca, Low, ou vou te dar algo para chupar,” eu rosnei enquanto massageava suas costas por cima dela.

Ela estremeceu debaixo de mim e ofegou meu nome. Meus olhos se voltaram para os dela com surpresa.

Ela não estava se sentindo bem desde que descobrimos. O enjôo matinal a atingiu fortemente e durou os últimos dois meses. Eu não estava dentro dela há semanas.

“Sim?” Eu perguntei a ela, meu pau passando de meio duro para querer socá-la na cama.

Ela pareceu tão surpresa quanto eu e começou a balançar a cabeça.

Minhas sobancelhas se levantaram e eu olhei para ela. Ela estava usando minha camiseta e seu cabelo estava espalhado no travesseiro. O sol estava nascendo e Blue iria chamá-la a qualquer minuto.

Rasguei sua calcinha branca e mergulhei nela. Minha língua atacando-a com força e rapidez. Ela ficou tensa e depois estremeceu, seus dedos mergulhando em meu cabelo crescente e agarrando-o. A pontada de dor me fez rosnar em sua boceta escorregadia e chupei com mais força.

Ela chorou e eu olhei para ela. Colocando uma mão sobre a boca, ela empurrou os quadris para dentro da minha boca.

Minhas mãos mergulharam sob sua camiseta e agarraram seus peitinhos, puxando-os e beliscando-os. Eles eram tão sensíveis que ela chorou e se curvou debaixo de mim.

“Você vai acordar a casa,” eu mordi duramente e soltei meu pau. Subindo em cima dela, eu a mantive tremendo e ofegante, deslizando dois dedos dentro dela e trabalhando-os forte e rápido enquanto eu levava seus gemidos para minha boca.

Seus dedos arranharam minhas costas enquanto eu afundava profundamente dentro dela. Já fazia muito tempo. Eu ia explodir.

Sentei-me e beijei meu bebê crescendo em sua barriga e peguei suas coxas em minhas mãos, puxando-a com mais força para mim. Eu a trabalhei devagar, mostrando os dentes e pensando em cada mordida desagradável que matei ontem para adiar até que ela chegasse lá.

"Jay," ela gemeu, agarrando meus braços.

"É isso," eu disse asperamente, vendo meu pau desaparecer dentro dela e escorregar de volta com ela. "Eu quero que você venha, Low."

Sua respiração engatou. "Estou chegando." Ela cantou repetidamente, empurrando seus seios para minha boca. Observei seus olhos quando ela gozou, seu rosto enquanto sua boca chamava meu nome, e então amaldiçoei, derramando-me dentro dela.

Eu ainda estava elogiando ela e todas as divindades que pude imaginar por sua boceta enquanto ela se afastava de mim.

Eu caí de costas. Sozinho. Enquanto ela lutava por suas roupas.

"Acordamos Blue", ela sibilou para mim. Deixei cair a cabeça sobre os braços e cruzei os tornozelos enquanto a observava a abanar o rabo nu para dentro das roupas. Meu pau ainda está duro.

"Dê-o para Rayna."

Ela revirou os olhos e correu para o banheiro.

"Eu não terminei com você!" Eu chamei para ela.

"Temos coisas para fazer hoje!" Ela falou de volta.

"Foda-se Varidy," eu murmurei. "Diga a ele que nos encontraremos amanhã."

Ela saiu do banheiro e jogou um pano molhado para mim. Eu grunhi quando ele bateu na minha coxa.

Seu rosto estava suave enquanto ela me observava enxugar. "Ren está saindo hoje."

Eu adorei aquele rosto. Eu adorava quando ela me lançava aquele olhar suave. Eu adorava ainda mais quando não estava cheio de simpatia por mim. Eu a amei mais do que palavras porque ela me deu isso de qualquer maneira. Mesmo quando eu não queria.

Ignorei seu olhar inquisitivo e me vesti.

"Você deveria falar com ele," ela empurrou e eu suspirei.

Dei um beijo em sua cabeça. "Amo você, querida, mas isso é entre Ren e eu."

Saí pela porta e segui pelo corredor até Blue. Ele dividia o quarto com Liam. O garoto estava deitado na pequena cama de solteiro enquanto Blue chamava seu nome sem parar. Olly andava entre a cama de Liam e a de Blue. Sempre em guarda.

Não consegui fazer Blue calar a boca agora que havíamos adotado e Willow adorou. Tudo o que ele fez foi falar. Liam era sua palavra favorita. Isso e *papai*. Tinha que dizer que era o meu favorito. Peguei o merdinha e segurei-o contra meu peito. Eu senti por ele. Meu filho. Um dia ele saberia que eu não era seu pai. Eu teria que dizer a ele que Willow não era sua mãe. Aquele dia me mataria, mas eu sabia que isso destruiria Willow. Não porque Blue soubesse a verdade, mas porque iria matá-la ver Blue sofrer por não saber. Não saber o que aconteceu com seus pais verdadeiros. Sabendo que ele nunca os conheceria ou os veria. Vê-lo com dor destruiria minha garota e ver meu filho com dor seria o pior que eu poderia sentir.

Blue não era meu de sangue. Mas ele ainda era meu. Tanto quanto o pequenino que cresce na barriga de Low. Blue encostou a cabecinha no meu peito e eu chutei a cama de Liam.

Ele grunhiu e rolou. Aquele garoto era meu também. Merda. "Levante-se, você vai comigo e com Low hoje."

Ele gemeu e puxou o travesseiro sobre a cabeça. "Por que não posso ficar?"

"Cuidado com essa boca e levante-se", eu lati e saí da sala. Blue cerrou os pequenos punhos e gritou de volta para Liam. Eu ri.

Liam era um idiota ao acordar de manhã, mas eu não aliviava e ele respeitou isso. Willow estava lá para conforto e toques suaves. Eu e o clube estávamos lá para colocar fogo em sua bunda e prepará-lo para sobreviver sozinho se ele decidisse ir embora. Embora eu esperasse que ele ficasse. Ele era um bom garoto e eu me importava com ele. Além disso, qualquer coisa que machucasse Low me machucaria.

Ela queria uma família. Era tudo o que ela sempre quis.

Demorei muito para entregar a ela. Eu me arrependeria todos os dias da minha vida. Tantas coisas tentaram tirá-la de mim.

Os mortos.

A vida.

Fin estava morto agora pelas mãos dela. Eu a observei de perto, mas isso nunca pareceu incomodá-la. Ela parecia mais em paz agora.

Deveria ter sido eu quem o matou.

Ela era minha. Sempre seria.

Eu deveria ter levado ela há muito tempo. Quase perdi a oportunidade, mas não estragaria tudo de novo.

Ela teria meus bebês. Por mais que isso tenha assustado muito fora de mim neste mundo, eu queria isso com ela. Era por isso que Billy e Syd estavam negociando com outras comunidades ao redor do lago. Precisávamos nos preparar para o bebê. Willow ainda tinha cerca de cinco meses, mas nenhum tempo poderia ser desperdiçado.

Esse dia chegaria e tudo estaria pronto para dar à luz um bebê saudável.

Blue saiu dos meus braços quando descemos para o último andar do hotel. Ele correu até Gia e subiu no colo dela à mesa.

Cam estava fazendo as malas para partir com Ren, ele e Monty. Cam porque o homem nunca conseguia ficar parado no mesmo lugar por muito tempo. Monty porque ele estava lutando contra seus demônios.

Eles estavam indo para o oeste. Procurando pela irmã de Ren.

Olhei pela janela enquanto Ren amarrava os suprimentos em sua motocicleta. Suspirei e caminhei até a porta. O rosto suave de Willow no fundo da minha mente. Mas também anos e anos com um homem ao meu lado.

Encostei-me na porta, observando da varanda.

Ren se virou e encontrou meus olhos. Nós não falamos. Eu ainda podia ver a culpa em seus olhos. Ele havia abandonado minha garota. Saber o que ela era para mim.

Ele a deixou.

Achei que nunca iríamos superar isso.

Eu vi seus ombros enrijecerem e ele assentiu. Um belo bem.

Meu peito doeu e bati com a palma da mão nele.

Mãos enroladas em volta de mim por trás. Respirei seu doce perfume e flexionei meus dedos entre os dela.

"Amo você, Jay", ela disse na minha espinha.

Ren partiu para o sol da manhã. Dois dos meus irmãos ao lado dele.

Nunca pensei que veria o dia em que não teríamos as costas um do outro. Mas desta vez não pude ir com ele e ele não pôde ficar.

Eu não iria invejar ele encontrar sua irmã. Se fosse Low, eu já teria ido embora.

Mas eu a tive. Ela era a coisa mais importante da minha vida. Nossos filhos são extensões desse vínculo. Ela nos manteve juntos. Eu junto.

Se eu tivesse entrado naquele apartamento meses atrás, ela gritando e súplicas marcando minha mente, para encontrá-la morta — Então minha mãe — eu não estaria aqui.

Eu pensei que odiava Willow. Ela representou uma fratura na minha família. E a família era a coisa mais importante para mim.

Mas eu fui um tolo. Ela *era* minha família. Ela sempre seria. Precisávamos um do outro. E tivemos muita sorte de tê-lo neste mundo cheio de devastados.

Enquanto tantos perderam, nós dissemos: fodam-se aos devastados.

Enquanto tantos sucumbiram à dor e à perda, minha Low desafiou os devastados.

Fizemos juntos.

O fim.